

PROTEÇÃO DE DADOS

Nova legislação traz
segurança jurídica

MEI

As conquistas em
dez anos de inovação

SEGURO SAÚDE

Como reduzir custos
com melhor serviço

Indústria **BRASILEIRA**

Revista da Confederação Nacional da Indústria | Ano 3 | nº 26 | Setembro 2018

O FUTURO DO EMPREGO

BRASIL PRECISA CRIAR NOVOS POSTOS
DE TRABALHO E SE PREPARAR PARA
A QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL



Confederação Nacional da Indústria

CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA

SE VOCÊ TEM VONTADE DE INOVAR, NOSSA LIGAÇÃO É FORTE.

Espalhados de Norte a Sul do país, os Institutos SENAI de Inovação e Tecnologia são o ponto de partida para aumentar a competitividade da indústria brasileira. Conectando infraestrutura de ponta, profissionais capacitados e parcerias internacionais, os Institutos formam uma grande rede de soluções integradas e customizadas para empresas de todos os portes e em qualquer parte do Brasil. Até 2019, serão 25 Institutos de Inovação e 63 Institutos de Tecnologia. Conte com cada um deles para transformar sua empresa.



INSTITUTOS SENAI DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA.
LIGADOS PELA TRANSFORMAÇÃO.
CONHEÇA MAIS. ACESSE WWW.INSTITUTOS.SENAI.BR

[f/senainacional](#) [t/senainacional](#) [@/senai_nacional](#) [@/senaiibr](#)



Iniciativa da CNI - Confederação Nacional da Indústria

CARTA AO LEITOR

Quem assumir a cadeira mais importante do Palácio do Planalto em 2019 vai ter, sobre sua mesa, um desafio urgente: reduzir as taxas de desemprego no país, que são superiores a 12% e, entre os jovens, chegam a impressionantes 27%. A crescente fila do desemprego no país tem duas origens. Uma é decorrente da grave recessão que se abateu sobre o Brasil em 2015 e 2016, cujos efeitos ainda perduram, transformados numa modesta e arrastada recuperação da atividade produtiva. A outra fonte do desemprego é menor, mas mais complexa. Deriva da revolução estrutural pela qual passam vários setores da economia, transfigurados pela ubiquidade da tecnologia digital e por seus efeitos sobre a produtividade.

O Sistema Indústria tem atuado para atenuar os efeitos dessas duas barreiras de acesso ao emprego. De um lado, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) vem insistindo com os poderes públicos na importância da retomada dos investimentos, especialmente na infraestrutura, setor com grande potencial de repercussão sobre a economia. Por outro, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) vem sondando as profissões do futuro e redesenhando seus cursos de formação para que o trabalhador de hoje continue empregado amanhã.

Para o economista José Pastore, da Universidade de São Paulo, as empresas também devem ser solidárias nesse desafio, pois conhecem, em detalhes, as necessidades específicas de mão de obra para seus negócios, especialmente aquelas muito expostas às transformações tecnológicas em curso. Opinião semelhante a de Christiane Berlinck, diretora de RH da IBM do Brasil, também entrevistada nesta edição. Para ela, os empregos do futuro serão a síntese do "homem plus máquina", em vez do "homem versus máquina".

Este número também discute os avanços importantes que a nova Lei de Proteção de Dados traz à segurança jurídica de empresas e cidadãos, faz um balanço dos avanços regulatórios e institucionais obtidos em dez anos de atividades da Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI) e revela como as empresas estão gastando menos com seguro saúde e, ao mesmo tempo, oferecendo maior proteção aos seus trabalhadores.

Boa leitura!

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI

PRESIDENTE

Robson Braga de Andrade

VICE-PRESIDENTES

Antônio Carlos da Silva; Paulo Afonso Ferreira; Paulo Gilberto Fernandes Tigre; Flavio José Cavalcanti de Azevedo; Glauco José Côrte; Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; Jorge Parente Frota Júnior; Eduardo Prado De Oliveira; Jandir José Milan; José Conrado Azevedo Santos; Marcos Guerra; Olavo Machado Júnior.

DIRETORES

Francisco de Assis Benevides Gadelha; José Carlos Lyra de Andrade; Alexandre Herculano Coelho de Souza Furlan; Jorge Wicks Côrte Real; Sérgio Marcolino Longen; Antonio Rocha da Silva; Heitor José Müller; Carlos Mariani Bittencourt; Amaro Sales De Araújo; Pedro Alves De Oliveira; Edilson Baldez Das Neves; Roberto Proença De Macêdo; Roberto Magno Martins Pires; Rivaldo Fernandes Neves; Denis Roberto Baú; Carlos Takashi Sasai; João Francisco Salomão; Julio Augusto Miranda Filho; Roberto Cavalcanti Ribeiro; Ricardo Essinger.

CONSELHO FISCAL

João Oliveira de Albuquerque; José da Silva Nogueira Filho; Francisco de Sales Alencar; Célio Batista Alves; José Francisco Veloso Ribeiro; Clerlânio Fernandes de Holanda.

**Superintendência de Jornalismo
CNI/SESI/SENAI/IEL**

Superintendente de Jornalismo
José Edward Lima

Gerente-executivo de Jornalismo
Rodrigo Caetano

**DESENVOLVIMENTO e PRODUÇÃO
FSB COMUNICAÇÃO**

Consultor editorial: Wladimir Gramacho; Jornalista Responsável: Rachel Mello (DF 3877/95); Reportagem: Sandro Lima e Vivaldo de Sousa; Projeto Editorial, gráfico e editoração: Armando Salmito, Guto Rodrigues; Revisão de texto: Renata Portella. Informações técnicas: (61) 3317-9472, fax (61) 3317-9456. Email: revistacni@cni.org.br.

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

CONHEÇA O SISTEMA INDÚSTRIA

CNI
<https://www.facebook.com/cnibrasil>
<https://www.flickr.com/photos/cniweb>
<https://instagram.com/cnibr/>
https://twitter.com/cni_br
<https://www.linkedin.com/company/cni-brasil>
<https://www.youtube.com/user/cniweb>

SENAI
<https://www.facebook.com/senainacional>
https://www.instagram.com/senai_nacional/
<https://twitter.com/senainacional>
<https://www.youtube.com/user/senaibr>
<https://www.linkedin.com/company/senai-nacional>

SESI
<https://www.facebook.com/SESINacional>
<https://www.youtube.com/user/sesi>
<https://www.linkedin.com/company/sesi-nacional>

IEL
<https://www.facebook.com/IELbr>
<https://www.instagram.com/ielbr/>
https://twitter.com/iel_br
<https://www.linkedin.com/company/iel-nacional>

SUMÁRIO



ARTIGO DO PRESIDENTE



CAPA



AGENDA LEGISLATIVA



GIRO BRASIL

As ações da indústria para criar os empregos de hoje, diante da crise, e de amanhã, com as novas tecnologias

8

EMPREGO DO FUTURO

Conheça as 30 novas profissões identificadas em estudo do SENAI

16

TRABALHO 4.0

As causas da mudança no mercado de trabalho e seus efeitos sobre as profissões

18

JOSÉ PASTORE

Economista da USP diz que empresas também precisam ajudar na formação de mão de obra

22

CHRISTIANE BERLINCK

Diretora de RH da IBM do Brasil sustenta que competências humanas serão determinantes no futuro do emprego

24

INDÚSTRIA EM AÇÃO

CNI espera que presidenciáveis apoiem a entrada do Brasil na OCDE, que terá impacto positivo sobre o ambiente de negócios

26

Nova lei de proteção de dados traz maior segurança aos cidadãos e às empresas

28

COMPETITIVIDADE

MEI

Mobilização Empresarial pela Inovação completa dez anos com legado positivo sobre os novos estímulos à criação nas empresas

32

PESQUISA

Último levantamento do INEC mostra otimismo do consumidor sobre o comportamento futuro da inflação e do desemprego

36

TERMÔMETRO ECONÔMICO

Indicadores Industriais mostram recuo no faturamento e no emprego industriais

38

Produtividade de oito empresas dobra com programa do SENAI no Espírito Santo

40

GIRO GLOBAL



Estudo revela que produção de carros no Japão volta a crescer e já é a maior dos últimos três anos

42

SAÚDE

Grupo de empresas coordenado pela CNI mostra que é possível gastar menos e melhor com a saúde dos trabalhadores

44

A PRIORIDADE É O EMPREGO

A maior crise econômica da nossa história recente, cujos efeitos ainda se fazem sentir, trouxe o flagelo do desemprego para mais de 13 milhões de brasileiros. O ritmo fraco da recuperação não afastou dos demais trabalhadores o temor de perder os empregos que conseguiram manter nos últimos anos. Esse grave problema social é um dos temas mais importantes neste momento em que os eleitores se preparam para escolher, nas urnas, o próximo presidente da República, além de governadores, senadores e deputados.

Para combater o fechamento de vagas e permitir uma nova oportunidade para quem está sem colocação no mercado de trabalho, o governo que toma posse em janeiro deve adotar as medidas apropriadas. É preciso dar prioridade ao crescimento sustentado. Sem que sejam retomadas as condições para os investimentos públicos e das

empresas privadas, com o necessário reequilíbrio do orçamento da União e a melhora generalizada do ambiente de negócios, dificilmente o desafio será enfrentado com sucesso.

A redução dos gastos públicos com a máquina administrativa, o corte de desperdícios e privilégios, a melhor gestão dos programas e a indispensável reforma da Previdência Social teriam um efeito múltiplo. Além de garantir a credibilidade da política fiscal de longo prazo e, em consequência aumentar a confiança de empresários e consumidores, o controle das despesas correntes abriria espaço para que o governo concentrasse esforços em elevar o nível de investimentos em infraestrutura, que é muito baixo.

Novos programas nas áreas de transporte (rodovias, ferrovias, portos, aeroportos e mobilidade urbana, por exemplo), energia elétrica, petróleo e gás, e saneamento teriam a capacidade de

contribuir para tornar a economia mais dinâmica e apta a atingir um nível de expansão mais adequado às necessidades do país. Com o fim de se atingirem melhores resultados, os projetos de infraestrutura devem contar com a participação das empresas privadas por meio de concessões ou parcerias com o setor público.

O governo também precisa se dedicar a retirar os obstáculos ao crescimento. Várias iniciativas podem ser tomadas, como a desburocratização geral dos investimentos e das exportações, a facilitação para a abertura de empresas e a simplificação do sistema tributário. O atual regime de cobrança de impostos resulta em um pesado ônus às companhias, que precisam se adaptar a um número absurdo de obrigações fixadas em códigos, leis, decretos, portarias e instruções normativas do Fisco nos três níveis de governo.

Num ambiente de crescente automação, inteligência artificial e inovação disruptiva, a educação de excelência e a boa qualificação profissional também se constituem em requisito fundamental para o aumento do nível de emprego. Nisso, as ações do Serviço Social da Indústria (Sesi) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) contribuem enormemente para capacitar os trabalhadores brasileiros a não só enfrentar com sucesso os novos tempos, mas também a evoluir com as mudanças que ainda virão.

Os diagnósticos foram feitos e os caminhos estão traçados. O trabalho será árduo. Seja quem for eleito presidente da República neste ano, o Brasil não pode desperdiçar mais uma chance de retomar a via do desenvolvimento e atacar o desemprego, que despedaça tantos sonhos de uma vida melhor para os trabalhadores e suas famílias. Sigamos confiantes.



Foto: Miguel Angelo / CNI

Robson Braga de Andrade é empresário e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

Índices de desemprego resistem em cair depois da pior crise econômica da história do país

COMO CUIDAR DOS EMPREGOS HOJE E AMANHÃ

INDÚSTRIA PROPÕE AÇÕES PARA REDUZIR OS ÍNDICES PRECUPANTES DE DESEMPREGO E INVESTE NA FORMAÇÃO DAS PROFISSÕES DO FUTURO

Com quase 13 milhões de pessoas procurando emprego, a recuperação do mercado de trabalho é a maior preocupação dos eleitores mais pobres que ainda não decidiram em quem vão votar, de acordo com pesquisa de opinião da Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgada em agosto. Entre quem recebe até um salário mínimo, maior concentração do grupo ainda sem um candidato definido, 60% das pessoas consideram o desemprego como o principal problema do país.

Outro indicador que reforça esse diagnóstico é o Índice de Medo do Desemprego (IMD), calculado pela CNI, que chegou a 67,9 pontos em junho, maior valor da série histórica iniciada em maio de 1996. Assim como em outras crises de oferta de emprego na história econômica recente do país, o atual cenário do mercado de trabalho Brasil pode ser explicado pela recessão econômica em 2015 e 2016, quando o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 7,2%.

“O número de desempregados se explica porque estamos passando do quarto para o quinto ano de crise e ela trouxe uma retração muito grande da economia, da indústria, do comércio e até mesmo dos serviços. Esse

número permanece muito elevado porque a recuperação que se tem observado de um ano para cá tem sido muito fraca”, avalia Flávio Castelo Branco, gerente-executivo de Política Econômica da CNI. Além da questão conjuntural, ele aponta a falta de qualificação das pessoas como outro motivo importante para o desemprego e o aumento dos que desistem de procurar emprego.

NOVAS COMPETÊNCIAS

Segundo ele, a questão conjuntural é resolvida a médio e longo prazos, caso as políticas adequadas sejam priorizadas pelos próximos governantes. O país vai precisar de investimento específico na formação e geração de competências adequadas às pessoas para que possam aproveitar as oportunidades que surgirem. “As profissões estão desaparecendo. Não dá para voltar o relógio para trás e perder competitividade. As pessoas precisam de aprendizagem contínua, porque ninguém sai da escola técnica ou da faculdade pronto para a vida. Isso exige políticas públicas mais voltadas para o resultado”, diz Castelo Branco.

A maneira mais rápida de gerar empregos no Brasil é a retomada dos

investimentos em infraestrutura, afirma Hélio Zylberstajn, professor da Universidade de São Paulo (USP). “O atual nível de desemprego é conjuntural porque resultou da maior recessão de nossa história. Ainda não atravessamos todo o ciclo conjuntural. Isto é, ainda não chegamos do outro lado do rio, que é começar a crescer de maneira sustentável”, destaca.

“Se a gente pensar no Brasil como um mar de oportunidades na área de infraestrutura, e ainda somos uma nação a ser construída, poderia muito rapidamente mudar a estrutura do emprego. Esse é o sentido estrutural que quero dar: atravessar a recessão significaria também uma mudança estrutural, uma vez que poderíamos mudar a estrutura física da economia brasileira”, avalia o professor.

Zylberstajn diz que uma parte do desemprego, hoje, provavelmente já é um pouco de desemprego tecnológico, de cunho mais estrutural, mas isso não chega a ser preocupante. “Um pouco do desemprego é tecnológico, mas nesse momento ele não é tão preocupante quanto o desemprego que resultou da recessão. Ele não é tão ameaçador. Porque nossa mão de obra não está preparada para esse novo mundo do trabalho.

Nossa mão de obra tem uma qualificação muito pobre, que não está pronta para ajudar no crescimento da infraestrutura”, afirma.

A melhoria da infraestrutura brasileira é um dos pontos prioritários do *Mapa Estratégico da Indústria 2018-2022*, elaborado pela CNI. A entidade defende que os investimentos em infraestrutura subam dos atuais 1,95% do Produto Interno Bruto (PIB) para, pelo menos, 3%. Estudos elaborados pela entidade mostram que investimentos e gestão privada dos empreendimentos vêm impulsionando a modernização da infraestrutura no Brasil. De acordo com o relatório *Competitividade Brasil 2017-2018*, outra iniciativa da CNI, o Brasil é apenas o 17º colocado entre 18 países no fator infraestrutura e logística.

CONFIANÇA

Para que esses investimentos sejam ampliados nos próximos anos, diz Zylberstajn, é preciso que as pessoas voltem a ter confiança no país, na economia, na política e nas instituições. “Se essa confiança voltasse, os

investidores também voltariam. E teríamos, num período relativamente curto, a volta do investimento na infraestrutura”, prevê. “Só se cria emprego quando há novos negócios, novos investimentos. Para que o país entre em uma trajetória virtuosa, tem que vir alguém comprometido a retomar o ritmo de investimento na economia”, resume Castelo Branco, da CNI.

“Só se cria emprego quando há novos negócios, novos investimentos”

Hélio Zylberstajn,
professor da USP

Dados divulgados em agosto pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 4,8 milhões de pessoas desistiram de procurar emprego no segundo trimestre deste ano. Ainda segundo o IBGE, no segundo trimestre de 2018, faltou trabalho para 27,6 milhões de pessoas no Brasil. Entra nessa conta a chamada

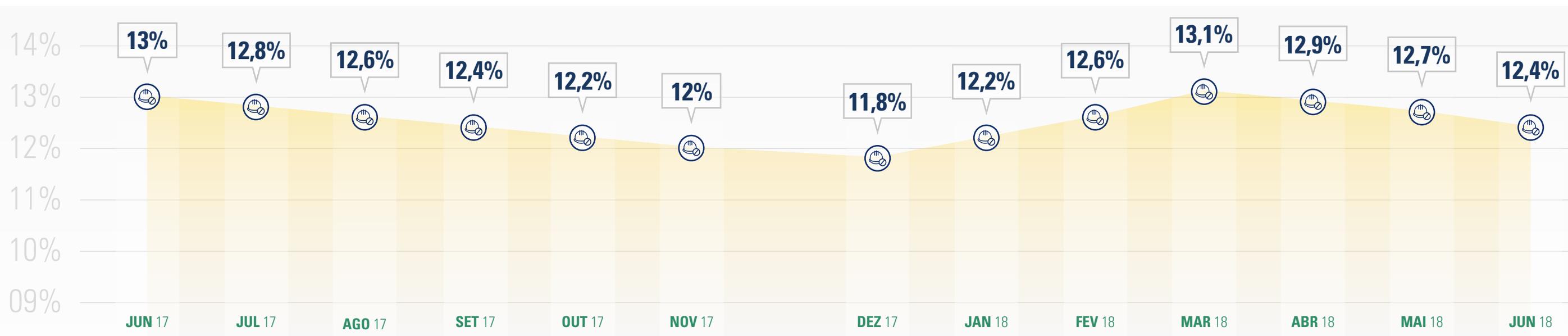
taxa de subutilização da força de trabalho, de 24,6%. Esse indicador inclui os desempregados, os subocupados (que trabalham menos de 40 horas semanais) e a força de trabalho potencial (pessoas que gostariam de trabalhar, mas não procuraram trabalho, ou que procuraram, mas não estavam disponíveis para trabalhar).

Na indústria, conforme dados divulgados no início de setembro pela CNI, o emprego voltou a cair em julho na comparação com junho: queda de 1,3%, já descontados os efeitos sazonais. Desde maio, quando houve a paralisação dos caminhoneiros, o emprego na indústria acumula um recuo de 4,3%.

Com o objetivo de estimular a economia e gerar empregos, a CNI elaborou um conjunto de propostas, com base no *Mapa Estratégico da Indústria*. Além de um diagnóstico da situação atual e das tendências em cada área, o Mapa estabelece metas claras e ações factíveis em 11 fatores-chave, estando entre eles a segurança jurídica, a infraestrutura, o ambiente macroeconômico, a eficiência do Estado, a governança, a inovação e, finalmente, a educação.

TAXA DE DESEMPREGO CONTINUA ALTA

Fonte: IBGE



QUALIFICAÇÃO

A educação, em todas as suas dimensões e processos, é fundamental para o crescimento sustentado da economia brasileira. Na qualificação da mão de obra, por exemplo, esse tem sido um desafio constante, comenta Roberto Ellery, professor de economia da Universidade de Brasília (UnB). “Um desafio que o Brasil não vem cumprindo já de muito tempo. Hoje nós já temos um sério problema de qualificação de mão de obra. E isso só tende a aumentar lá na frente. Temos de repensar o sistema de ensino, da pré-escola à universidade. Tudo isso tem de ser repensado no Brasil, independente do processo de inovação, porque o sistema atual já não está atendendo às demandas do mercado”.

Para Zylberstajn, o problema de qualificação não tem como ser resolvido em dois ou três anos. “Envolve uma mudança profunda no sistema educacional, um compromisso muito forte com a educação para o trabalho. O nosso sistema é muito acadêmico e precisamos olhar para os países que têm um sistema educacional dual, capaz de, ao mesmo tempo, dar o conteúdo acadêmico – em que as crianças e jovens saem sabendo fazer contas, sabendo ciências e conhecendo uma outra língua – e torná-los prontos para o mundo do trabalho”. Alemanha e Coreia do Sul são dois países que fizeram isso, segundo ele.

No Brasil, comenta Zylberstajn, “nós podemos falar muito sobre isso a partir do Serviço Nacional da Indústria (SENAI), que é uma experiência exitosa, mas tem um problema básico que é a escala. Quantas escolas tipo SENAI nós podemos fazer a mais?” Segundo o professor, é um modelo de excelência que requer alto investimento, difícil de sustentar em todas as escolas profissionais.

Por outro lado, ele sustenta que a inovação tecnológica não destrói o trabalho, só algumas tarefas. “Até hoje, a inovação destruiu algumas ocupações,

mas criou outras. A grande pergunta é se daqui para a frente vai continuar a acontecer isso. Acho que é muito difícil responder. Estamos vendo a destruição de muitas ocupações, mas ao mesmo tempo estão aparecendo novas também. O problema é que essas novas ocupações vão acontecer num modelo de relação de trabalho que não é mais aquele emprego antigo, com aquela coisa antiquada de se aposentar numa mesma empresa. Esse mundo terminou”, diz ele.

Para Roberto Ellery, da UnB, há um grande desafio na legislação brasileira. “Temos uma legislação que tende a ser muito rígida, tende a ser muito específica e entra em muitos detalhes. Esse tipo de legislação vai ter muita dificuldade

“Aquele emprego em que todo mundo entra junto e sai junto está ficando para trás porque essas atividades estão sendo substituídas por máquinas.”

Roberto Ellery,
professor da UnB

de em se adaptar às transformações do mundo do trabalho. Hoje você tem uma pessoa que ganha a vida como motorista de Uber e que faz seu horário de trabalho, definindo quando vai atender e o tipo de corrida que vai fazer. Essas são decisões dele. E tem uma legislação trabalhista que não enxerga isso e de vez em quando sai uma decisão da Justiça que tenta enquadrar o Uber no modelo antigo, como se a realidade fosse se enquadrar nesses modelos”.

Ele afirma que é preciso construir leis e criar um marco legal que se adapte a esse novo mundo, que é o trabalho do futuro. “Insisto: aquele emprego em que todo mundo entra junto e sai junto, com horário fixo e trabalho todo dia

da semana e no mesmo volume, está ficando para trás porque essas atividades estão sendo substituídas por máquinas”. Segundo ele, a Alemanha é um caso interessante porque teve uma queda significativa de desemprego nos últimos anos, após fazer uma reforma flexibilizando várias leis trabalhistas que davam uma certa rigidez.

INDÚSTRIA 4.0

Se a melhora da educação é um processo mais demorado, a indústria 4.0 já é uma realidade presente no dia a dia de diversas empresas brasileiras. Em Feira de Santana (BA), o monitoramento da produção de pneus de uma fábrica da Pirelli é feito em tempo real, com os dados armazenados automaticamente em nuvem. Quatro repositórios digitais recebem esses dados de 50 máquinas e dos comandos de trabalho de 900 funcionários. Eles são processados e analisados por sistemas de machine learning, método de análise de informações que automatiza a construção de modelos analíticos e que permite às máquinas identificar, por meio de algoritmos, padrões no banco de dados e tomar decisões com um mínimo de intervenção humana.

Considerada o primeiro polo tecnológico 4.0 da empresa na América Latina, essa fábrica da Pirelli tem todo o processo produtivo digitalizado e servirá de modelo para a digitalização progressiva e a modernização de outras unidades na região. “Se a gente não tivesse feito esse caminho nos últimos anos, a gente teria hoje um problema enorme. É como se você tivesse continuado a andar a pé enquanto seus concorrentes, a indústria de uma forma geral, estivessem indo de avião. Não tem como deixar de trabalhar com essas novas ferramentas”, afirma Marco Maria Tronchetti, diretor de Comunicação, *Business Intelligence*, Digital e Projetos Especiais da Pirelli na América Latina.

Segundo ele, geralmente a indústria

4.0 “é fotografada como a robotização da produção, mas os gestores, as pessoas, têm um papel fundamental nessa transição”. Afinal, diz ele, uma parte fundamental da transformação digital tinha que ser a das pessoas. “Essa transição durou mais de um ano. Junto com toda a parte de atualização do maquinário e dos processos, houve também uma mudança cultural e organizacional. O processo de capacitação e de treinamento durou menos de um ano e envolveu cerca de 900 pessoas em todos os níveis. Foi uma revolução, com novas funções e novas formas de trabalhar”, explica Tronchetti.

Dados da empresa mostram que houve um aumento médio de 10% da produtividade nesse novo modelo de fábrica. Com a digitalização, os supervisores podem acessar os dados armazenados na nuvem diretamente de seu tablet, o que traz mais agilidade e rapidez na tomada de decisões. O novo sistema é capaz de medir a performance individual de cada funcionário e indica, também, se alguém precisa melhorar o trabalho que realiza em termos de “qualidade ou segurança”.

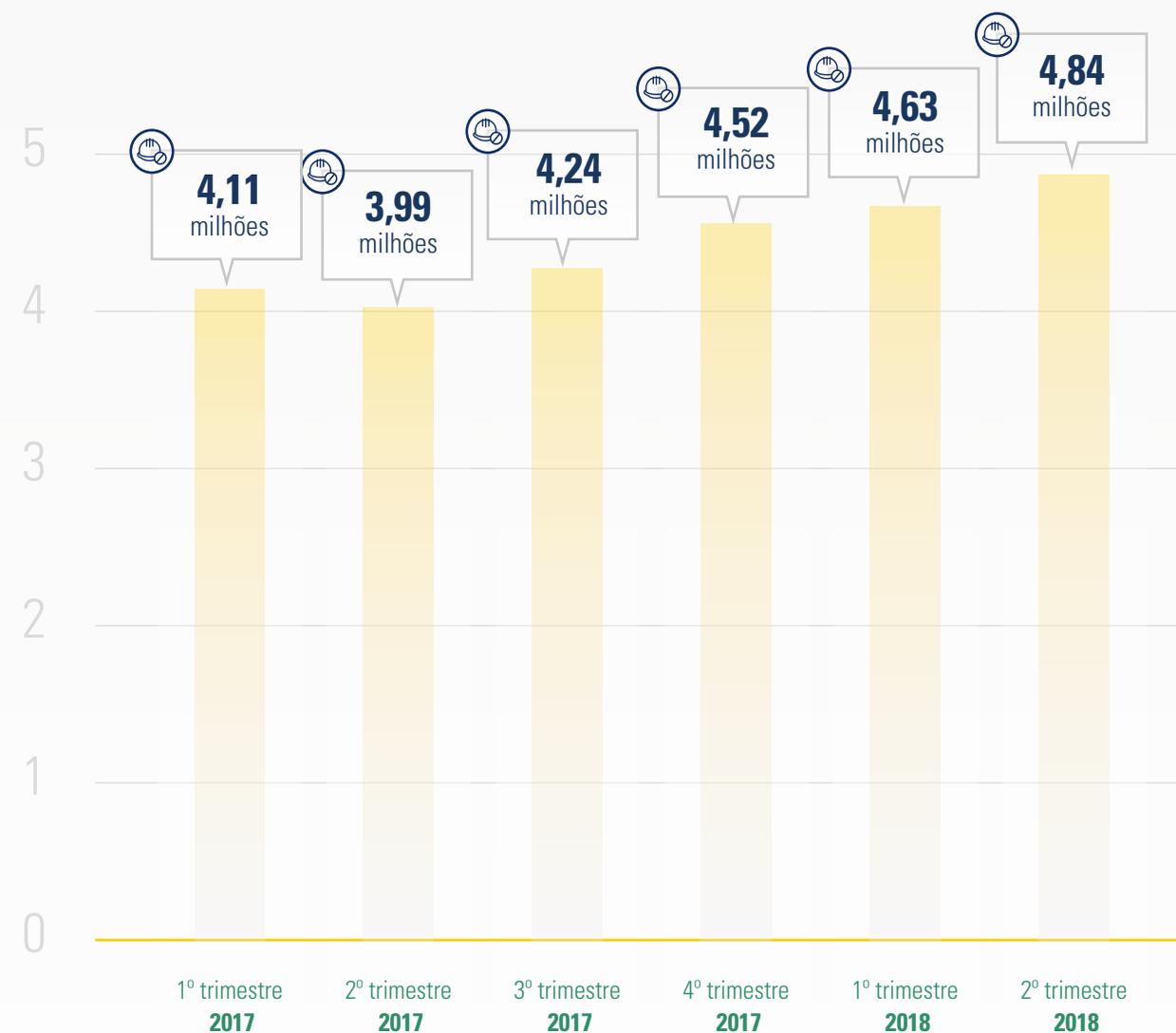
Mas além do ganho de eficiência operacional, a digitalização dos processos produtivos gerou métricas mais inteligentes – o que auxiliou na redução

do tempo de manutenção dos equipamentos. “Se antes o funcionário notava um erro, ele acionava a oficina ou ia até o almoxarifado para verificar se havia uma peça lá. Agora, ele vê tudo no sistema, na hora. A precisão na transmissão de dados melhorou após as máquinas ganharem sensores específicos para o monitoramento”, diz o executivo. Tronchetti também conta que os sensores dentro dos pneus fornecem informações para os técnicos, que permitem avaliar o desempenho do produto, dentro de uma abordagem multifuncional.

Na comparação com o sistema antigo, o principal ganho que a digitalização

AUMENTA O NÚMERO DE BRASILEIROS QUE DESISTEM DE PROCURAR EMPREGO

Fonte: IBGE



trouxe foi a velocidade, afirma Danilo Silva, *Smart Manufacturing Officer* da Pirelli na América Latina. Criado em janeiro deste ano, o cargo ocupado por Silva, engenheiro mecânico por formação e pós-graduado em gestão de projetos, é um exemplo das novas funções que estão sendo criadas na indústria.

O exemplo da Pirelli não é o único. A criação de cargos ligados ao mundo digital é hoje uma realidade em diversas empresas. Em comunicado distribuído ao mercado no final de junho, a Cia. Hering, por exemplo, informou uma mudança na sua estrutura organizacional para a criação da diretoria de transformação digital.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Maior produtora de cerveja no Brasil, a Ambev já usa inteligência artificial em algumas fábricas para identificar demandas do processo produtivo e, com isso, fazer um controle maior, garantindo mais qualidade ao seu produto. Atualmente, a empresa aplica 16 testes ao longo do processo produtivo. Nas cinco fábricas da Ambev, em São Paulo, foram instalados mais de mil pontos de medição em cada cervejaria, o que permite maior controle do processo de produção da bebida. Nessas unidades, máquinas e softwares

na linha de montagem conversam entre si para administrar a produção.

A inteligência artificial é usada também na maturação e fermentação da cerveja, por meio da identificação das demandas de temperatura do produto em todo o processo de produção, podendo, com isso, determinar o aquecimento ou resfriamento na fabricação. A redução nas variações de temperatura evita o desperdício de energia e melhora a qualidade da bebida. Além disso, a Ambev desenvolveu, em parceria com startups, um sistema automatizado de controle das linhas de envasamento da bebida, que operam com 15 equipamentos de grande porte ao mesmo tempo.

Outra empresa que está operando dentro do conceito de indústria 4.0 é a unidade de Goiana (PE) do Grupo Fiat Chrysler Automobiles. "O Polo Automotivo Jeep iniciou sua operação em abril de 2015. É nele que está a planta mais moderna do Grupo FCA no mundo. Assim, ela já nasceu dentro do conceito de indústria 4.0, utilizando ferramentas de simulação virtual de processos, equipamentos de última geração e soluções de ergonomia", resume Pierluigi Astonio, Plant Manager do polo. Segundo o executivo, a fábrica reúne digitalização, conectividade e virtualização para

alcançar, diariamente, o objetivo fundamental de simplificar as atividades para as pessoas, com a garantia da máxima qualidade dos carros produzidos.

GESTÃO INTEGRADA

Astonio explica que cada operador tem controle direto sobre a qualidade de cada carro por meio do sistema NPL (*New Plant Landscape*), que permite uma gestão integrada e em tempo real dos dados de produto e processo. "Para cada carro são rastreados os dados das peças montadas e assegurados os parâmetros de qualidade. A conexão entre as máquinas também oferece análise de todos os parâmetros de processo em tempo real, permitindo para planejar os ciclos de manutenção, sem necessidade de parar o fluxo produtivo. É, ainda, totalmente integrada aos fornecedores e todos operam sob o mesmo sistema de comunicação, em tempo real, para garantir o fluxo logístico, reduzindo o nível de estocagem", explica.

Como foi instalado numa região que não tinha, até aquele momento, nenhuma tradição na indústria automobilística, a empresa focou, desde o princípio, na qualificação e no desenvolvimento das pessoas dentro do contexto da indústria 4.0. "Treinamentos, qualificações e atualizações de nossos profissionais são constantes no polo", diz Astonio.

Na unidade de Feira de Santana da Pirelli, o treinamento de funcionários inclui o uso de realidade aumentada, no qual eles vestem um colete com sensores para aprender a manusear as máquinas em ambiente totalmente digital. Com isso, podem simular possíveis falhas e entender, de modo menos teórico, a quais riscos estão submetidos na operação da função específica.

A adesão à nova era é inevitável, diz Danilo Silva, da Pirelli. "Não preciso que toda pessoa que trabalha na manufatura seja um cientista de dados. Mas é preciso ter capacidade de entender e tomar decisões com base em dados e em grande volume de informações", pondera o executivo. Afinal, resume, "o caminho que as empresas estão tomando é o da digitalização".



Foto: divulgação

Para Silva (Pirelli), é preciso saber decidir com base em muitas informações

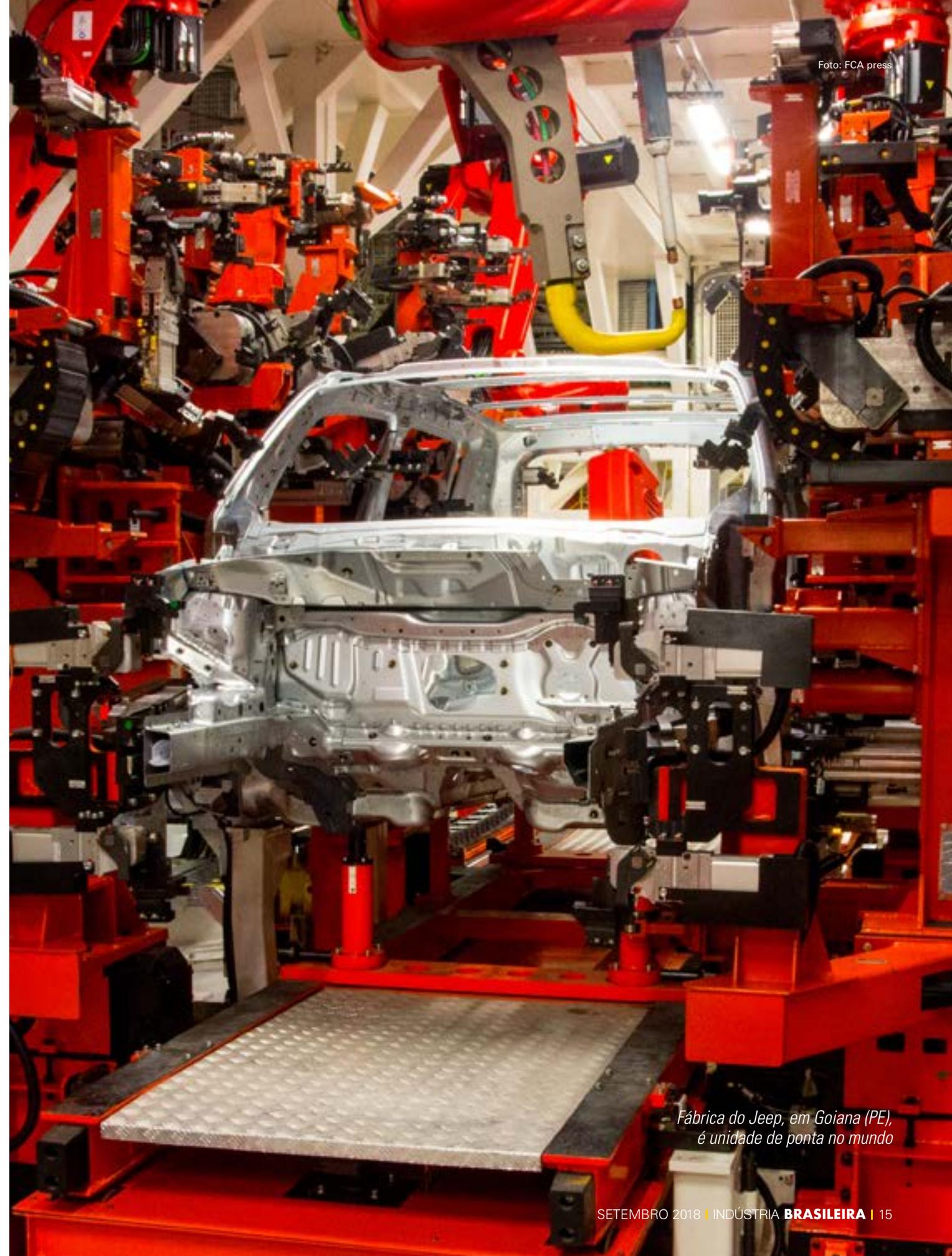


Foto: FCA press

Fábrica do Jeep, em Goiana (PE), é unidade de ponta no mundo

CONHEÇA AS 30 NOVAS PROFISSÕES

IDENTIFICADAS PELO SENAI

AUTOMOTIVO

- Mecânico de veículos híbridos
- Mecânico especialista em telemetria
- Programador de unidades de controles eletrônicos
- Técnico em informática veicular

ALIMENTOS E BEBIDAS

- Técnico em impressão de alimentos
- Especialista em aplicação de TICs para rastreabilidade de alimentos
- Especialista em aplicações de embalagens para alimentos

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

- Analista de IoT (Internet das Coisas)
- Engenheiro de cibersegurança
- Analista de segurança e defesa digital
- Especialista em *Big Data*
- Engenheiro de softwares

MÁQUINAS E FERRAMENTAS

- Projetista para tecnologias 3D
- Operador de *High Speed Machine*
- Programador de ferramentas de produção assistida por computador (como CAD e CAM)
- Técnico de manutenção em automação

CONSTRUÇÃO CIVIL

- Integrador de sistema de automação predial
- Técnico de construção seca
- Técnico em automação predial
- Gestor de logística de canteiros de obras
- Instalador de sistema de automação predial

TÊXTIL E VESTUÁRIO

- Técnico de projetos de produtos de moda
- Engenheiro em fibras têxteis
- Designer de tecidos avançados

QUÍMICA E PETROQUÍMICA

- Técnico em análises químicas com especialização em análises instrumentais automatizadas
- Técnico especialista no desenvolvimento de produtos poliméricos
- Técnico especialista em reciclagem de produtos poliméricos

PETRÓLEO E GÁS

- Especialista em técnicas de perfuração
- Especialista em sismologias e geofísica de poços
- Especialista para recuperação avançada de petróleo

AS PROFISSÕES DO FUTURO PRÓXIMO

ESTUDO DO SENAI MOSTRA AS 30 NOVAS PROFISSÕES EM OITO SEGMENTOS DA INDÚSTRIA QUE DEVEM MARCAR UM NOVO TEMPO NO MERCADO DE TRABALHO

A operação de máquinas mais sofisticadas será uma exigência cada vez maior nos setores automotivo, têxtil e petroquímico

Escolher uma profissão nunca foi uma decisão simples. Mas escolher uma profissão que não existe é tarefa ainda mais difícil. Engenheiro de cibersegurança, técnico em informação e automação, mecânico de veículos híbridos e projetista para tecnologias são algumas das novas profissões que devem surgir nos próximos dez anos, conforme pesquisa realizada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), com foco na indústria 4.0.

“A indústria está passando por uma verdadeira revolução no mundo inteiro a partir do uso das tecnologias digitais no ambiente da produção, com uma interação cada vez maior do homem com a máquina”, afirma o diretor de Operações do SENAI, Gustavo Leal. Segundo ele, é preciso preparar a juventude dentro de um novo paradigma tecnológico, mas também as pessoas mais velhas, que já estão no mercado

de trabalho. “Aqui no Brasil os desafios são ainda maiores porque há muitas falhas na educação básica”.

Embora o conhecimento sobre robótica, Internet das Coisas (IoT) e computação na nuvem seja importante, é preciso melhorar os conhecimentos de

“A população de robôs no mundo tem crescido de forma exponencial.”

Gustavo Leal,

diretor de Operações do SENAI

português, matemática e o raciocínio básico, diz Leal. Com isso, os trabalhadores terão maior capacidade de compreensão e análise, essenciais na quarta revolução industrial, também conhecida como indústria 4.0. Nesse sentido,

argumenta, as empresas têm um papel importante na qualificação e no aperfeiçoamento da mão de obra.

Divulgado em julho, o estudo do SENAI prevê que devem surgir, pelo menos, 30 novas ocupações em oito áreas em que o impacto da indústria 4.0 deve ser maior, com a integração dos mundos físico e virtual por meio de tecnologias digitais, como a Internet das Coisas, o *Big Data* e a inteligência artificial. “Nossos estudos mostram que o chão de fábrica vai mudar muito nos próximos anos. É importante que os jovens adquiram conhecimentos ligados às áreas de informática, programação, automação e de sensores”, afirma Leal.

Nessas áreas, argumenta, há um conjunto de competências técnicas que são cada vez mais transversais e não dependem do setor no qual o jovem vai trabalhar. “Qualquer que seja a fábrica, de qualquer setor, esses conhecimentos

serão importantes”, diz. Segundo Leal, toda vez que há uma mudança estrutural na indústria, o mercado se transforma e as pessoas têm que se preparar para esse novo mundo.

O estudo do SENAI aponta as profissões, de nível médio e superior, que devem ganhar relevância e se transformar em oito segmentos: automotivo; alimentos e bebidas; máquinas e ferramentas; petróleo e gás; têxtil e vestuário; e química estão entre as que mais devem ter seus processos transformados e que mais apostam na dominância das tecnologias digitais para a competitividade dos seus negócios na próxima década.

Leal argumenta que, mesmo com a mudança de paradigma industrial, o emprego não vai desaparecer. Mas, diz ele, o trabalho repetitivo e rotineiro será substituído por robôs, como já vem acontecendo em alguns países. “A população de robôs no mundo tem crescido de forma exponencial. Com a inteligência artificial, com essas novas tecnologias, começam-se a automatizar, também, algumas ocupações que não são

repetitivas e que exigem uma capacidade de decisão”, comenta.

O trabalho sobre as 30 novas profissões foi feito a partir do Modelo SENAI de Prospecção, metodologia que permite prever quais serão as tecnologias utilizadas no ambiente de trabalho em um horizonte de cinco a dez anos. A previsão é feita a partir do debate entre cerca de 20 especialistas por setor estudado. Em geral, são representantes de empresas, de sindicatos de trabalhadores e de universidades. Em seguida, as informações são enviadas para os Comitês Técnicos Setoriais, que apontam quais serão os perfis e as competências exigidas dos profissionais de cada segmento industrial.

METODOLOGIA

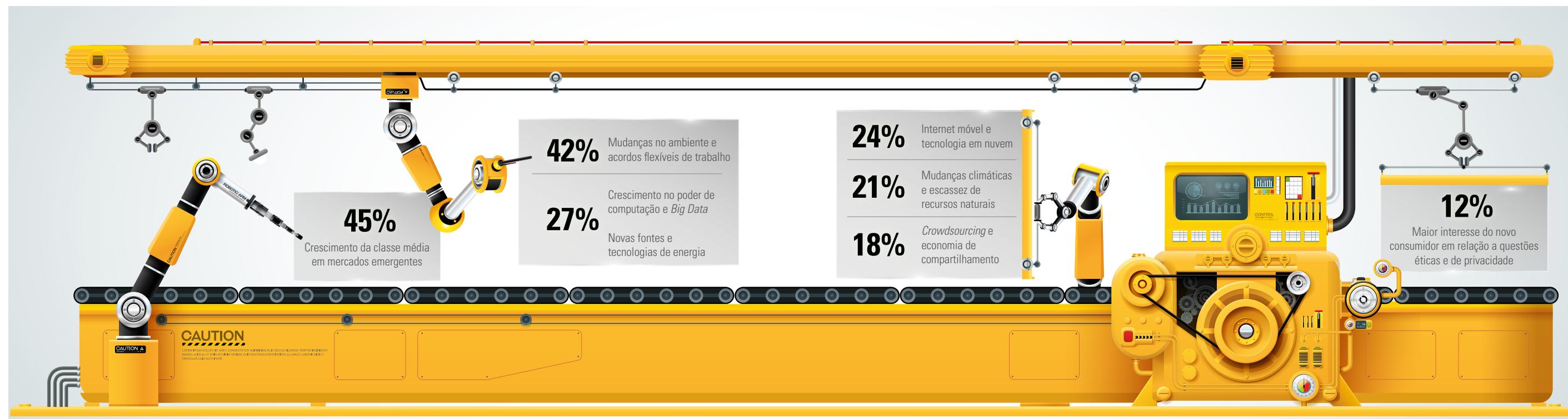
O método, utilizado para embasar as decisões do SENAI sobre a oferta de cursos e seus currículos, já foi implementado em instituições de mais de 20 países na América do Sul e no Caribe. A metodologia foi apontada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento

Econômico (OCDE) e pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como exemplo de experiência bem-sucedida na identificação da formação profissional alinhada às necessidades futuras das empresas.

Outro ramo em que a demanda por profissionais especializados deve crescer até 2030 é o de eficiência energética. O número de empregos diretos nessa área deve passar dos atuais 136 mil para 452 mil em 2030, se o Brasil cumprir a meta assumida na Conferência Nacional das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP 21), que busca melhorar a eficiência energética do país, com maior uso de energias renováveis.

A estimativa consta na *Pesquisa sobre o Potencial de Empregos Gerados na Área de Eficiência Energética no Brasil*, divulgada em 23 de agosto, durante conferência realizada no escritório da CNI em São Paulo, promovida pela Agência Alemã de Cooperação Internacional (GIZ), pelo SENAI, pelo Ministério da Educação e pelo Ministério de Minas e Energia.

SAIBA O QUE ESTÁ POR TRÁS DAS MUDANÇAS NO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL



EMPRESAS PRECISAM AJUDAR NA FORMAÇÃO

JOSÉ PASTORE (USP) DIZ QUE O AJUSTE DO MERCADO DE TRABALHO AOS PADRÕES PRODUTIVOS COM ALTA TECNOLOGIA DEPENDE DO ENGAJAMENTO EMPRESARIAL

Como a qualidade da educação no Brasil ainda é baixa, as escolas não estão conseguindo melhorá-la. As novas tecnologias já chegaram às linhas de produção e as empresas terão de se engajar mais na tarefa de treinar e reciclar os trabalhadores, afirma o economista José Pastore, da Universidade de São Paulo (USP). Especialista em mercado de trabalho, ele afirma que o processo de digitalização da indústria será demorado e doloroso. "No caso do emprego, a questão principal é o tempo e o ritmo em que novas vagas serão criadas", afirma.

Como as novas tecnologias afetam o emprego e o mercado de trabalho?

Nós temos, na literatura, respostas de todos os tipos para essa questão. Há uma linha de pesquisadores que acha que o principal impacto é destruir empregos. Quem pensa assim já sai com uma série de sugestões para atenuar o impacto e evitar uma grande catástrofe social. Há uma outra linha que é muito mais otimista e diz que essas

tecnologias vão ser iguais às demais, destruindo empregos de um lado e gerando de outro, e isso é somente uma questão de tempo.

Qual é a sua impressão pessoal?

Penso que não há nenhuma razão para cultivar um catastrofismo. Tem uma terceira linha, com a qual me identifico, que diz que o principal impacto das tecnologias é na transformação das profissões, que vão mudar de natureza e manter o mesmo nome: o camarada que é médico vai continuar sendo médico, mas vai fazer tarefas muito diferentes do que fazia há dez ou quinze anos. As profissões, portanto, se transformam ao longo do tempo.

Mas as pessoas de uma mesma geração têm tempo para se adaptar, assimilando as novas tecnologias?

Pode ser que a velocidade de transformação seja maior do que a velocidade de adaptação. Pode ser que a velocidade de transformação seja maior do que a capacidade das escolas de reciclarem as

pessoas. Isso pode, de fato, trazer ocupação de desemprego, de uma falta de oportunidade de trabalho para muitos.

Em que situação o senhor enquadra a transformação do emprego no Brasil?

Acho que vai ocorrer a mesma coisa. Temos, em andamento, a entrada de muitas tecnologias que estão transformando as profissões e transformando também o modo de fazer negócio. A própria administração dos negócios está mudando pela força das novas tecnologias. O Brasil não está tão acelerado nesse campo como países como a Coreia do Sul, o Japão e a Alemanha, onde a entrada dessa tecnologia já vem acontecendo há oito ou dez anos e numa intensidade muito maior. Mas isso vai acontecer também aqui e teremos desajustes em função disso.

Qual é a principal diferença entre o Brasil e esses países?

Há duas coisas. Primeiro, até o momento, o ritmo de entrada das novas tecnologias



Jose Pastore (USP) diz que adaptação do mercado de trabalho no Brasil pode ser longa devido ao baixo nível escolar

está sendo mais lento aqui. A segunda diferença, que é muito importante, diz respeito à capacidade de adaptação dos próprios trabalhadores. O que conta muito nessa adaptação é ter muita versatilidade para captar novos conhecimentos e entrar num sistema de treinamento contínuo. E aqui, com o problema sério que nós temos, da má qualidade da educação, temos uma população que está tendo dificuldade para fazer o acompanhamento dessa transição.

Como essa dificuldade se dá na prática?

Por exemplo: os resultados da educação básica no Brasil mostram números muito ruins tanto em português quanto em matemática. E esse conhecimento é fundamental para você ser versátil. Para acompanhar as mudanças tecnológicas você precisa ter uma boa capacidade de aprender, precisa ter uma boa capacidade de pensar e de raciocinar. Afinal, a linguagem é a ferramenta do pensamento. Se a pessoa está mal em linguagem, certamente estará mal também em

raciocínio. E isso se reflete na capacidade de seguir essas tecnologias. Uma pessoa que tem dificuldade de ler um manual de instruções e entender, terá dificuldade de continuar trabalhando com essas novidades, com essas inovações. Esses dois aspectos preocupam bastante no caso do Brasil.

Alguns setores já estão sendo mais afetados que outros?

A entrada de tecnologia na indústria e em outros setores econômicos é inexorável. Pode ser num ritmo mais lento, mas não tem outro jeito. Em alguns setores está sendo até muito rápido, como nos casos da agropecuária e das indústrias aeronáutica e automobilística. Se as escolas não dão conta de fornecer uma boa educação e as tecnologias vão entrando, as pessoas precisam ser versáteis.

Como resolver isso?

A única coisa que vejo é o seguinte: as empresas terão de se engajar mais na tarefa de treinar e reciclar os trabalhadores. E vão precisar de entidades como as do

Sistema S para fazer um treinamento conjunto, um pouco teórico e um pouco prático. Ou seja, a participação das empresas será fundamental para fazer esse ajuste.

Qual o futuro do emprego?

É difícil ter uma resposta precisa. Uma coisa é certa: os empregos e as profissões vão se transformar muito. Será uma transformação mais dentro delas do que entre elas, com requisitos de novas habilidades. Acredito que há países em que a população vai conseguir acompanhar esse ritmo de transformação e vai conviver com uma taxa de desemprego tolerável, mas haverá outros países em que a população vai ter mais dificuldade para acompanhar isso e a taxa de desemprego será mais alta. Por isso, alguns especialistas defendem até mesmo a tributação das tecnologias para ter recursos para investir em educação e treinamento. Outros defendem, ainda, encurtar a jornada de trabalho para que mais pessoas possam ter emprego. No Brasil, o ajuste deve ser mais demorado e mais doloroso.

COMPETÊNCIAS HUMANAS É QUE VALERÃO

DIRETORA DE RH DA IBM BRASIL, CHRISTIANE BERLINCK
ANALISA AS TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO

A tecnologia irá mudar muitos empregos e permitir que as pessoas se desprendam de tarefas operacionais e repetitivas – que podem ser realizadas melhor por uma máquina – e se concentrem na tomada de decisões e em atividades mais criativas, afirma Christiane Berlinck, diretora de Recursos Humanos da IBM Brasil. “O que está havendo é uma modificação nas funções das pessoas. As competências humanas, como ética, criatividade e imaginação, nunca poderão ser substituídas, mas muitas profissões serão redefinidas”, afirma ela.

Como as novas tecnologias estão afetando o emprego industrial e o mercado de trabalho?

A adoção de novas tecnologias irá aumentar a capacidade dos profissionais, não substituí-los. Sendo assim, surgirão novas oportunidades de desenvolvimento intelectual. O que está havendo é uma modificação nas funções das pessoas.

As competências humanas, como ética, criatividade e imaginação, nunca poderão ser substituídas, mas muitas profissões serão redefinidas.

Nesse contexto, que habilidades e competências precisa ter o novo trabalhador?

Os profissionais precisam ter uma mentalidade de aprendizado constante e se manter curiosos o tempo todo, porque estamos em uma era do conhecimento exponencial. O profissional de sucesso, tanto o do presente quanto o do futuro, é aquele que está em constante aprendizado e que usa o seu conhecimento para se diferenciar. Além disso, acredito que o que mercado demandará no futuro são pessoas criativas, colaborativas e com capacidade analítica.

Como as empresas podem ajudar na formação desse novo profissional?

A utilização da inteligência artificial

proporciona inúmeros benefícios, como a possibilidade de fazer retenção proativa, treinamentos focados e personalizados para cada profissional, tirar dúvidas a respeito de processos, otimizar o atendimento e até mesmo personalizar uma conversa focada em desenvolvimento de carreira. Na IBM, por exemplo, temos uma plataforma de desenvolvimento para colaboradores que fornece um aprendizado customizado com base em cada uma das pessoas que trabalham conosco. Com ela, podemos encontrar e gerenciar atividades de aprendizado formais e informais. Usamos inteligência artificial, *Big Data* e colaboração entre todos os funcionários para fazer dessa plataforma algo realmente engajador e de valor para todos.

E qual o papel das universidades e da educação?

Acredito que é necessário preparar os jovens, além de adequar o ensino



Foto: Christiane

Christiane diz que estamos na era do “homem plus máquina” e não na do “homem versus máquina”.

para uma nova realidade, que é digital, tornando o conteúdo mais interessante e trazendo as disciplinas para perto dos estudantes. Acredito que as empresas devam investir em iniciativas para fomentar o aprendizado, especialmente na capacitação de futuros profissionais da área de novas tecnologias, para que cheguem ao mercado bem preparados para inovar e atender às demandas das empresas.

Como essas novas tecnologias contribuem para aumentar a produtividade?

Com a adoção dessas novas tecnologias, surgem oportunidades de desenvolvimento intelectual. A redução de tempo em processos de análises feitas por essas ferramentas permite ao profissional elevar seus conhecimentos e habilidades intrinsecamente humanos, como desenvolvimento da empatia, relacionamento colaborativo e capacidade imaginativa.

É sempre importante lembrar que a análise de dados e a inteligência artificial apenas auxiliam na tomada de decisão e não são responsáveis por ela.

Na comparação com outros países, como podemos situar a indústria 4.0 no Brasil?

O Brasil não está tão avançado como os Estados Unidos, a Alemanha ou a Coreia do Sul no que tange à evolução da indústria 4.0. Para incentivar que a velocidade de transformação do Brasil seja a mesma desses países, é preciso mais investimento em inovação, educação e tecnologia, além de as empresas terem um maior foco na realização de uma transformação digital integrada.

Com base na sua experiência em RH, qual o futuro do emprego?

Todos os principais avanços tecnológicos mudaram a maneira como as

pessoas trabalham e o mercado profissional. Embora uma pequena porcentagem de profissões possa desaparecer, a tecnologia irá mudar absolutamente todos os empregos, permitindo que as pessoas se desprendam de tarefas operacionais e repetitivas, que podem ser administradas melhor por uma máquina, para que elas possam se concentrar no pensamento crítico e na tomada de decisões. É por isso que estamos tão focados em novas formas de trabalhar, nos novos modelos de emprego e de negócios e na escolaridade do profissional. Tudo isso precisa evoluir com a tecnologia.

Há uma mudança de paradigma?

Sim. Estamos testemunhando uma era totalmente nova, onde humanos e máquinas trabalharão juntos. Para nós, a era atual pode ser caracterizada como a do “homem plus máquina”, não a do “homem versus máquina”.

CNI ESPERA QUE CANDIDATOS APOIEM ENTRADA NA OCDE

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) espera que as principais candidaturas à Presidência da República apoiem o pedido feito pelo Brasil, em maio de 2017, de ingresso do país na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Se aceito, o Brasil terá de assumir compromissos que trarão impactos significativos à economia e à indústria. Entre os benefícios destacados pela CNI com essa adesão estão a melhoria do ambiente regulatório, a modernização institucional, o aprimoramento da governança e a convergência às melhores práticas internacionais. O Brasil é o país não membro com o maior grau de adesão aos instrumentos normativos da organização. Essas e outras propostas fazem parte do documento O Brasil na OCDE: um caminho natural, que integra o conjunto de 43 estudos que a CNI apresentou aos presidentiáveis.



Foto: HUANG Zheng/shutterstock.com

OS MEDALHISTAS NA SELEÇÃO PARA O MUNDIAL DE PROFISSÕES TÉCNICAS

A primeira fase das seletivas nacionais para a *WorldSkills* terminou em setembro. A competição internacional de profissões técnicas será em 2019, em Kazan, na Rússia. Os estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais obtiveram as maiores pontuações, levando em conta medalhistas de ouro, prata e bronze. Com o fim das provas, começa-se a desenhar o cenário dos participantes do mundial. Dezenove ocupações já têm os selecionados para a etapa final de treinamento. Em novembro, haverá provas de desempate nas demais 26 ocupações. A expectativa é que 62 competidores brasileiros participem da edição russa.



Foto: Maykova Galina/shutterstock.com

DECISÃO DO STF SOBRE TERCEIRIZAÇÃO TRAZ SEGURANÇA JURÍDICA, DEFENDE CNI

Os questionamentos judiciais sobre a terceirização da mão de obra nas empresas chegaram ao fim. No último dia 30 de agosto, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que o modelo de contratação é lícito em todas as etapas produtivas, sejam meio ou fim. A CNI se posicionou a favor da decisão porque ela traz segurança jurídica ao setor produtivo brasileiro. Em nota, o presidente da entidade, Robson Braga de Andrade, afirmou que a diferenciação entre atividade-meio e fim era subjetiva ao juiz, o que gerava distorções no mercado.



Foto: Thossaphol/Gettyimages.com

LÍDERES EMPRESARIAIS CONHECEM SISTEMAS DE INOVAÇÃO EM ISRAEL

Líderes empresariais participaram de uma viagem de imersão ao ecossistema de inovação de Israel entre os dias 2 e 7 de setembro. A missão foi organizada pela CNI e pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL). Os participantes fizeram visitas técnicas a centros de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I), laboratórios, universidades, grandes empresas e startups, além de participarem de palestras e debates. O objetivo da imersão foi estreitar a cooperação na área de inovação e mostrar ao empresariado brasileiro o que há de mais avançado em tecnologia, infraestrutura e modelos de negócio em Israel.



Foto: divulgação

SESI E CANAL FUTURA LANÇAM NOVA SÉRIE SOBRE ENSINO INOVADOR

Começou, no último dia 16 de agosto, a 2ª temporada da série Destino: Educação - Escolas Inovadoras. O projeto é uma parceria do Sesi com o Canal Futura e é exibido às quintas-feiras, às 21h. Nessa edição, serão 13 episódios com 52 minutos de duração. A produção busca mostrar ao telespectador histórias de inovação na educação, desafios e dificuldades, assim como novas práticas, métodos e abordagens. A série traz doze instituições de ensino em onze países diferentes ao redor do mundo. As experiências narradas nos episódios são de países como Brasil, Argentina, Estados Unidos, Canadá, Espanha, Alemanha, Israel, Estônia, Austrália e Indonésia.



Foto: Stock Rocket/shutterstock.com

LEI DE PROTEÇÃO DE DADOS TRAZ MAIOR SEGURANÇA

CNI CONSIDERA QUE O VAZIO NORMATIVO PREJUDICAVA O AMBIENTE DE NEGÓCIOS, EXPONDO EMPRESAS E CIDADÃOS A RISCOS CONTRATUAIS



Lei foi aprovada por unanimidade em sua última votação no Senado Federal, em julho

Após oito anos de discussões, o Brasil finalmente ingressou no grupo de países que possuem uma legislação que disciplina a proteção dos dados pessoais dos usuários de internet.

A Lei Geral de Proteção de Dados, sancionada em agosto pelo presidente Michel Temer, define as situações em que os dados pessoais podem ser coletados, tanto por empresas quanto pelo poder público, e cria instrumentos para que usuários possam questionar o uso de suas informações.

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Braga de Andrade, considera que a Lei Geral de Proteção de Dados é um avanço para a competitividade do Brasil, que agora se iguala às grandes economias. “O equilíbrio da lei aprovada resulta de um debate democrático, com a participação de distintos atores da sociedade. Em meio à revolução digital, dados se tornaram elementos fundamentais para a tomada de decisão e concepção de negócios. A lei dá segurança a usuários e empresas”, afirmou Andrade.

Pelas novas regras, os cidadãos terão maior controle sobre o uso de suas informações pessoais, a possibilidade de verificar, corrigir e excluir dados, além de poder consentir a coleta e o tratamento deles. A nova legislação, além de proteger os usuários, cria um ambiente favorável à competitividade e ao ambiente de negócios.

Para o secretário de Políticas Digitais do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), Thiago Camargo, a aprovação da lei é um passo importante para o estabelecimento de um ambiente digital de confiança e para o florescimento dessa economia. Segundo ele, a lei deve aumentar a competitividade do país e sua inserção nas cadeias globais de valor.

“A economia baseada em dados já

não é mais uma expectativa para o futuro, mas um dos motores do crescimento econômico do século XXI. Nesse sentido, a existência de legislação sobre o assunto é relevante para dar maior segurança jurídica ao aprimoramento de modelos de negócio tradicionais, para o surgimento de novos produtos e serviços e para a evolução de tecnologias nascentes como inteligência artificial, uso de algoritmos, *machine learning*, mineração de dados, realidade aumentada e cloud computing”, disse Camargo.

Para a CNI, a competitividade do país passa, obrigatoriamente, por conectar toda a cadeia produtiva e de serviços – de smartphones a veículos

do tratamento dos dados pessoais, com impactos negativos para a inovação e para o desenvolvimento econômico do país. Para Demi Getschko, integrante do comitê, “a aprovação da lei coloca o Brasil novamente em uma posição de destaque”.

A falta de uma legislação específica ameaçava deixar o país de fora dos fluxos internacionais de dados, atributo cada vez mais importante para a produção e comercialização de bens e serviços.

ÓRGÃO REGULADOR

Ao sancionar a lei, o presidente Michel Temer vetou a criação da Autoridade Nacional de Proteção de Dados, órgão regulador responsável pela edição de normas complementares e pela fiscalização das obrigações previstas na lei. Na ocasião, Temer informou que o veto ocorreu por um vício de iniciativa, mas que concorda com a criação do órgão.

O tema se encontra em discussão no âmbito da Presidência da República, que deve encaminhar um projeto de lei ou uma medida provisória ainda este ano. A criação da Autoridade Nacional de Proteção de

Dados, cuja responsabilidade será garantir o cumprimento das regras, bem como orientar empresas e pessoas sobre o tema, é defendida pela CNI. Para a confederação, independentemente da maneira como será criada, por ato legislativo ou executivo, a autoridade é fundamental.

Outro ponto defendido pela CNI é a necessidade de prever tratamento diferenciado para micro e pequenas empresas (MPEs) que, como as grandes empresas e entidades governamentais, terão 18 meses para se adaptar às normas. Ao contrário de grandes empresas, das quais muitas já se prepararam para o novo marco legal, as MPEs farão a adaptação partindo do zero.

“Os dados se tornaram elementos fundamentais para a tomada de decisão e concepção de negócios. A lei dá segurança a usuários e empresas.”

Robson Braga de Andrade, presidente da CNI

– capazes de se comunicar uns com os outros e trazer benefícios para a sociedade por meio do uso responsável de dados pessoais.

Dessa forma, o uso adequado dos dados permite a oferta de serviços combinada com a produção e a venda de bens, dando origem a novos modelos de negócios que, em muitos casos, serão decisivos para a sobrevivência das empresas, a preservação de empregos e o aumento da renda.

De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil, a lacuna regulatória causava vulnerabilidade e insegurança jurídica para o empreendedor e para os cidadãos brasileiros em relação aos direitos e deveres decorrentes

A lei prevê, por exemplo, que cada empresa ou entidade que responde juridicamente pela coleta dos dados pessoais deve ter um encarregado por aceitar reclamações dos titulares, prestar esclarecimentos, adotar providências, dialogar com o futuro órgão regulador e orientar os funcionários, entre outras funções.

Para um negócio de estrutura enxuta, onde o empresário atua, sozinho, em diversas esferas administrativas e

de gestão, a contratação de um funcionário responsável exclusivamente pela gestão dos dados pode representar um custo insustentável de operação.

Sobre esse ponto, o secretário Thiago Camargo, do MCTIC, ressaltou que a nova legislação já manifesta uma preocupação com empresas de menor porte, pois prevê a possibilidade de que, a critério da Autoridade Nacional de Proteção de Dados, sejam dispensadas da indicação

de um encarregado pelo tratamento de dados pessoais.

“Vale lembrar que a própria Constituição Federal prevê tratamento diferenciado e favorecido para as microempresas e para as empresas de pequeno porte, diretriz essa que poderá, futuramente, ser incorporada pela Autoridade Nacional de Proteção de Dados nas suas atividades de normatização, fiscalização e sancionamento”, diz Camargo.

O QUE MUDA COM A NOVA LEI



CIDADÃOS

- Poderão saber como empresas públicas e privadas tratam os dados pessoais
- Terão direito à revogação, à portabilidade e à retificação dos dados



MENORES DE IDADE

- O uso de dados de crianças deverá ser feito com consentimento de ao menos um dos pais ou um responsável legal



MULTAS

- Em casos de descumprimento da lei, multas poderão chegar a 2% do faturamento da empresa no seu último exercício, limitadas a R\$ 50 milhões por infração



EMPRESAS

- Devem fornecer informações sobre tratamento de dados de forma clara, inteligível e simples
- Cada empresa ou entidade que coleta dados pessoais deve ter um gestor responsável por eles



VAZAMENTOS

- Em casos de vazamento de informações, o gestor deverá informar o órgão competente e os titulares



EXCEÇÕES

- A lei não se aplica ao tratamento de dados para fins jornalísticos, artísticos, acadêmicos, de segurança pública, de defesa nacional, de segurança do Estado ou de atividades de investigação e repressão de infrações penais



MEI REVOLUCIONA INOVAÇÃO NO BRASIL

EM 10 ANOS, MOBILIZAÇÃO EMPRESARIAL PELA INOVAÇÃO RECONFIGUROU O ESTÍMULO E APOIO À CIÊNCIA E TECNOLOGIA INDUSTRIAIS

Há apenas uma década, um pequeno grupo de empresários se reuniu em torno de uma ideia: fazer da inovação a base da atividade industrial no Brasil. Ultra, Natura, Embraer, IBM, Klabin, Gerdau, Ford, Cristalía, Basf e Ambev, entre outras, foram parceiros de primeira hora. Daquelas discussões e encontros surgiu o embrião que deu origem à Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI).

“A MEI se consolidou como o principal fórum de discussão entre a iniciativa privada e o governo. Já fazem parte da MEI cerca de duzentas das maiores empresas que operam no Brasil”, afirma Gianna Sagazio, superintendente nacional do Instituto Euvaldo Lodi (IEL)

e coordenadora da MEI.

“Ao longo desses 10 anos, a mobilização reposicionou essa discussão de inovação no país e temos trabalhado para mostrar às indústrias e ao Estado que inovação não é supérfluo, não é um luxo, mas uma condição básica de desenvolvimento e amadurecimento das economias e das sociedades. Esse é o tema pilar da nova revolução industrial, do processo de digitalização das economias”, disse.

Desde o início dos anos 2000, países como Estados Unidos, Alemanha e França tinham grupos de mobilização das indústrias em torno da agenda de inovação. Essas experiências serviram como inspiração para o Brasil buscar

seu próprio modelo, que funciona da seguinte maneira: o Comitê de Líderes Empresariais da MEI se reúne, periodicamente, com representantes do governo federal para definir estratégias que potencializem a inovação no setor empresarial.

Segundo Pedro Wongtschowski, presidente do Conselho de Administração do Grupo Ultra e um dos coordenadores da MEI desde a sua criação, por ser o principal e mais bem consolidado fórum de diálogo entre os setores empresarial e público, a MEI tem contribuído para a formulação de políticas públicas de inovação mais eficazes.

Exemplo disso é que, em uma década de atividades, a contribuição do

O diálogo da MEI com o setor público produziu muitas inovações institucionais, como a Lei do Bem e o Marco de Ciência e Tecnologia

setor privado para o exercício da inovação no país teve como resultados o Marco de Ciência e Tecnologia, o Código de Ciência, Tecnologia e Inovação, a formação da rede de Institutos SENAI de Inovação e a Lei do Bem.

Nesta interface, a MEI contribuiu, ainda, para a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii), que se tornou uma importante estrutura no ecossistema de inovação brasileiro. Desde 2014, a Embrapii liberou R\$ 270 milhões em recursos para projetos de P&D. Isso se desdobrou em R\$ 810 milhões em pesquisas, sendo quase a metade em recursos vindos de empresas.

Outra contribuição da MEI foi a produção de diagnósticos sobre o estado da inovação no país. “Há 10 anos, era muito difícil ter dados sobre inovação, muito menos comparar o Brasil a outros países, o que é fundamental para enxergarmos mais claramente onde estão nossas vantagens e nossos desafios”, lembra Gianna Sagazio.

Segundo ela, a MEI se associou a instituições importantes mundialmente, como a Federação Global de Conselhos de Competitividade, e se tornou, junto com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), parceira de conhecimento do Índice Global de Inovação, editado anualmente pela Universidade de Cornell, a escola de negócios Insead e a Organização Mundial de Propriedade Intelectual. No campo acadêmico, a MEI vem contribuindo para modernizar a base curricular do ensino de engenharias.

PROMOVENDO A INOVAÇÃO

Para promover a inovação, a MEI criou estratégias que passam pela premiação de casos de sucesso e pela disponibilização de ferramentas para promover a inovação nas empresas, como

é o caso do *MEI Tools*, que reúne mais de 90 instrumentos e mecanismos de incentivo à inovação vigentes no país disponibilizados por bancos, agências e instituições.

O *Inova Talentos*, uma ponte entre empresas e pessoas com ideias promissoras para o desenvolvimento de projetos de inovação, ajudou a concretizar cerca de 790 projetos em mais de 600 firmas. O *Programa de Imerções em Ecossistemas de Inovação* levou CEOs e gestores de empresas aos principais centros de pesquisa e plataformas de inovação no Brasil e no mundo. Em quase dois anos, essa iniciativa realizou 11 edições com cerca de 300 participantes no Brasil, nos Estados Unidos, na Alemanha, na Suécia e, mais recentemente, em Israel.

“Uma nova revolução industrial se descortina diante de nós. Inovação é o epicentro desse movimento.”

Gianna Sagazio, superintendente nacional do Instituto Euvaldo Lodi (IEL) e coordenadora da MEI

Estimulada pela MEI, a CNI criou institutos de tecnologia e de inovação dedicados a apoiar o setor industrial. Hoje, estão em funcionamento 58 Institutos SENAI de Tecnologia, que já atenderam às demandas de mais de 15 mil empresas em serviços técnicos e de consultoria e na realização de ensaios e testes.

Já estão em operação 21 dos 25 Institutos SENAI de Inovação que realizam pesquisa aplicada para desenvolver novos produtos e tecnologias, além de novos protótipos e plantas-piloto. Cada instituto se dedica a um campo específico, como microeletrônica, biomassa, química verde, manufatura avançada, entre outros. No fim do

ano passado, havia cerca de 200 projetos sendo executados nos institutos de inovação. Metade deles atendia grandes empresas e a outra metade se dividia entre médias e pequenas empresas e startups.

FUTURO

Pensando no futuro, a MEI criou o *Indústria 2027*, estudo amplo e inédito no Brasil, junto às escolas de economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), para identificar o impacto das inovações disruptivas na indústria brasileira.

Originado pela necessidade de prospectar o futuro da indústria brasileira diante da ascensão de uma série de tecnologias disruptivas que permeiam o modo de produção industrial, o projeto mapeou o estágio de digitalização das indústrias brasileiras e elaborou uma série de recomendações para o Brasil produzir na fronteira da tecnologia.

“Uma nova revolução industrial se descortina diante de nós. Inovação é o epicentro desse movimento. A digitalização

dos negócios e das economias é resultado de uma busca incessante pela inovação. Não apenas o Brasil, mas nenhum país pode se dar ao luxo de não se adequar aos novos tempos. A MEI já abriu uma discussão qualificada com os nossos governantes. Será preciso orquestrar esforços para que o Brasil avance nesse sentido”, afirma Gianna Sagazio.

“Um ecossistema de inovação eficiente precisa de instituições fortes, de regras claras, de leis descomplicadas, de recursos para projetos de risco, de sistemas de financiamento sólidos e adequados para as empresas enfrentarem os desafios do futuro”, resume Pedro Wongtschowski.

RESULTADOS ALCANÇADOS PELA MEI



ÍNDICE NACIONAL DE EXPECTATIVA DO CONSUMIDOR

EXPECTATIVA DE DIAS MELHORES

ÀS VÉSPERAS DAS ELEIÇÕES, CONSUMIDOR ESPERA QUE RESULTADO NAS URNAS TRAGA QUEDA NA INFLAÇÃO E NO DESEMPREGO E MELHORA NA SITUAÇÃO FINANCEIRA

Fonte de incertezas e apreensão para os analistas econômicos, as eleições influenciaram para melhor pelo menos um importante indicador da economia. Em agosto, o Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (INEC), da Confederação Nacional da Indústria (CNI), subiu 3,1% frente ao mês anterior, chegando aos 104,7 pontos. Além de reverter a queda pós paralisação dos caminhoneiros, no fim de maio, o INEC subiu o suficiente para registrar a melhor marca desde maio de 2016.

Naquele mês, o Brasil estava próximo de chegar ao ponto mais agudo da recessão econômica – iniciada em 2014 –, ao mesmo tempo em que o Congresso Nacional consumava o impeachment da então presidente Dilma Rousseff. Agora, mesmo sem conhecer quem sairá vitorioso das urnas, o consumidor brasileiro está mais confiante de que, nos próximos seis meses, com um novo governo já

eleito, sua vida terá melhorado sob diversas perspectivas.

Segundo o INEC, o brasileiro está otimista em relação à inflação e ao emprego, com os índices de expectativas subindo 3,2% e 3,1%, respectivamente, na comparação com julho. Em relação ao próprio bolso, as perspectivas também são favoráveis: alta de 5,6% no índice de expectativas de renda pessoal e de 6,4% no de situação financeira. Quanto maior é o indicador, maior é o número de pessoas que espera queda da inflação e do desemprego e melhora nas finanças pessoais.

Mais otimista, o consumidor também se torna mais propenso a se endividar. Segundo o INEC, o índice de expectativa de endividamento subiu 2,8%, em relação a julho. No entanto, apesar da propensão, o brasileiro ainda se mostra cauteloso em realizar compras de maior valor. Dos componentes do INEC, este foi o único a recuar no comparativo, com

queda de 0,2%, indicando que prevalece a prudência na hora de comprar bens como móveis, eletrodomésticos e outros itens que pesam no bolso.

“Os consumidores, que são eleitores, esperam que o governo eleito melhore a situação da economia, o que terá impacto positivo na vida das pessoas”, explica o gerente-executivo de Políticas Econômicas da CNI, Flávio Castelo Branco. Para ele, o consumidor mais confiante tem maior propensão a consumir, está mais seguro de seu emprego, de sua renda futura, e pode se comprometer com algum financiamento.

A recuperação do INEC foi a terceira alta mensal consecutiva e a segunda acima de taxas superiores a 3%. Com novo fôlego, o indicador recuperou a queda de 3,9 pontos de junho – quando chegou a 98,3 pontos –, verificada após a paralisação dos caminhoneiros, e colocou o índice mais próximo de sua média histórica, de 107,7 pontos.

OTIMISMO EM ALTA

Brasileiro confia que próximos seis meses serão melhores para a economia e para o próprio bolso

INEC 104,7 pontos **+3,1%**

AGO X JUL

INFLAÇÃO **+3,2%**



ENDIVIDAMENTO **+2,8%**



EXPECTATIVA DE DESEMPREGO **+3,1%**



COMPRAS DE BENS DE MAIOR VALOR **-0,2%**



RENDA PESSOAL **+5,6%**



SITUAÇÃO FINANCEIRA **+6,4%**



*Variações positivas indicam maior número de pessoas que esperam a queda do emprego e da inflação e a melhora dos indicadores de finanças pessoais.

Fonte: INEC – Ano 20 – Número 8 – Agosto 2018

Altos e baixos na recuperação

Maioria dos indicadores piora, mas ano acumula números positivos

	JUL/18 X JUN/18 (DESSAZONALIZADO)	JAN-JUL/18 X JAN-JUL/17
Faturamento real	-3,8%	5,0%
Horas trabalhadas na produção	-2,4%	0,7%
Emprego	-1,3%	0,4%
Massa salarial real	0,4%	-1,0%
Rendimento médio real	-0,1%	-1,4%

FATURAMENTO E EMPREGO DA INDÚSTRIA RECUEM

A indústria iniciou o segundo semestre com desempenho fraco. Segundo a pesquisa *Indicadores Industriais*, o setor apresentou queda de 3,8% no faturamento e de 1,3% no emprego, em julho, em relação ao mês anterior. Em meio às incertezas sobre a recuperação da economia, acentuadas pelo período eleitoral, as empresas também apresentaram recuo nas horas trabalhadas, com queda de 2,4%, no comparativo. Por outro lado, houve pequena alta na utilização da capacidade instalada: de 77% para 77,6% em julho, ainda que abaixo dos 78% observados, em média, em 2018.

Fonte: Indicadores Industriais – Ano 26 – Número 7 – Julho 2018

Expectativas positivas

Setor espera melhora geral para os próximos seis meses



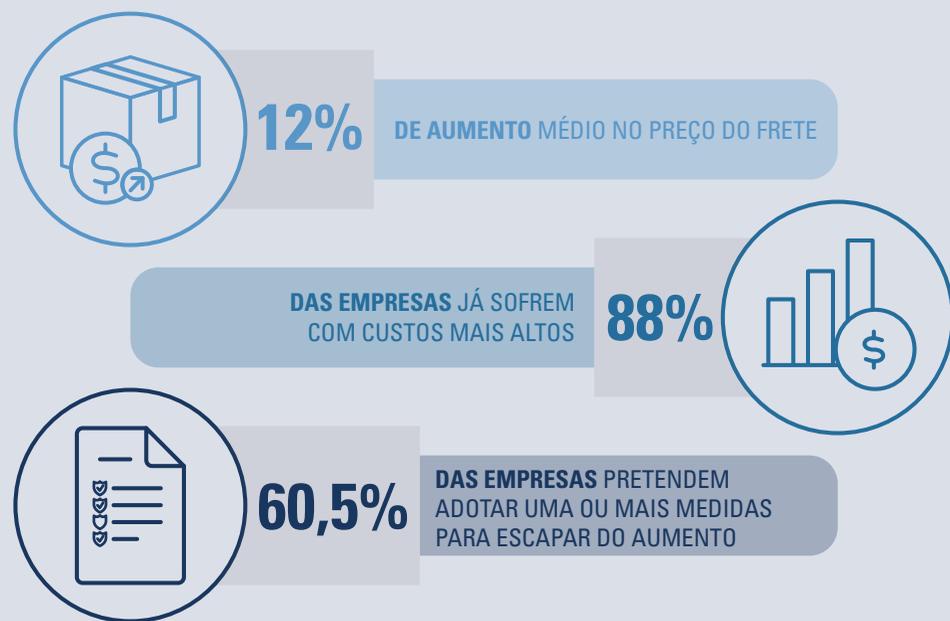
INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO RECUPERA CONFIANÇA

O empresário da construção civil recuperou o otimismo. Em agosto, o Índice de Confiança do Empresário da Construção (ICEI-Construção) subiu 2,9 pontos, frente a julho, alcançando 51,8 pontos. Com isso, foi superada a marca dos 50 pontos, que separa o otimismo do pessimismo. A melhora no indicador é resultado de expectativas positivas para os próximos seis meses, com os empresários confiantes em relação ao nível de atividade (52,6 pontos), a novos empreendimentos e serviços (51,6 pontos), à compra de matérias-primas (51,2 pontos) e ao número de empregados (51,2 pontos).

Fonte: Sondagem Indústria da Construção – Ano 9 – Número 7 – Julho 2018

COM TABELA, FRETE DA INDÚSTRIA FICA 12% MAIS CARO

A criação de uma tabela para o frete elevou em 12%, na média, o custo do frete para a indústria brasileira. Além disso, 88% das empresas sentiram impacto no custo, seja para receber insumos para a produção, seja para distribuir seus produtos. As conclusões são da Consulta Empresarial: impactos do tabelamento do frete rodoviário, que teve a participação de 688 empresas do setor. Além da alta no custo, a pesquisa também mostrou as alternativas estudadas pelas empresas para reduzir o impacto da medida: 27,4% delas, por exemplo, avaliam expandir a frota, comprando ou alugando caminhões.



Fonte: Consulta Empresarial: Impactos do tabelamento do frete rodoviário – Ano 5 – Número 1 – Agosto 2018

As consequências do tabelamento

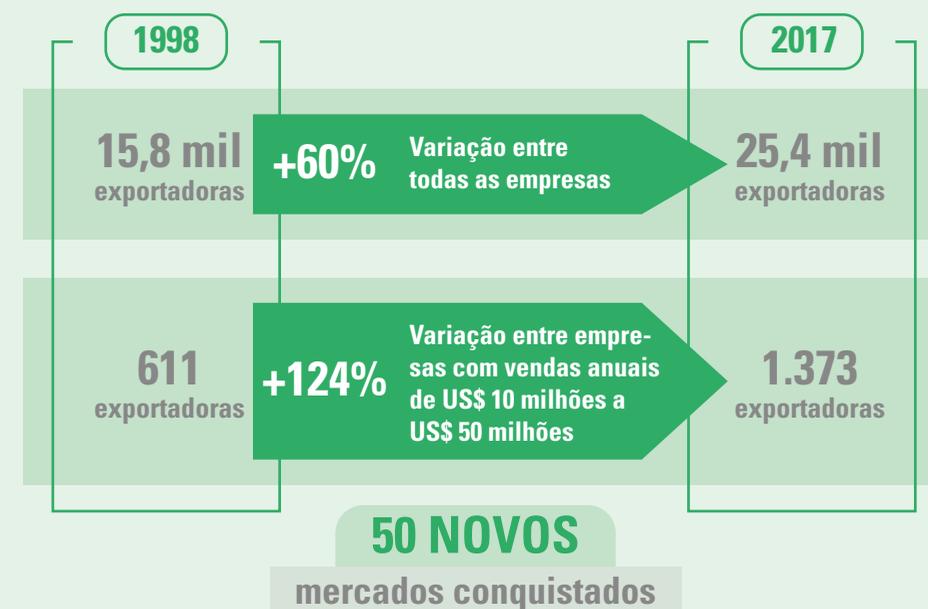
Em menos de 90 dias, nove em cada 10 empresas perceberam alta nos custos

BRASIL GANHA 9,6 MIL EMPRESAS EXPORTADORAS EM 20 ANOS

Em 1998, os produtos de 15,8 mil empresas brasileiras chegavam ao mercado internacional. Em 2017, o número de empresas exportadoras acumulava aumento de 60%, com 25,4 mil companhias presentes no comércio mundial. Levantamento inédito da Rede de Centros Internacionais de Negócios (Rede CIN), da CNI, mostrou que o crescimento foi mais intenso entre as empresas com vendas na faixa entre US\$ 10 milhões e US\$ 50 milhões. Se em 1998 elas eram 611, em 2017 esse grupo alcançou 1.373 exportadoras: alta de 124%.

Brasileiras com um pé no exterior

Comércio exterior ganha espaço na pauta de empresas nacionais



Fonte: Levantamento Rede CIN/CNI – Agosto 2018



PRODUTIVIDADE DOBRA COM PROGRAMA DO SENAI NO ESPÍRITO SANTO

Após participarem do programa *Brasil Mais Produtivo*, oito indústrias de alimentos do Espírito Santo aumentaram sua produtividade em 103%. Esse é um programa do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em parceria com o governo federal e com o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). O crescimento é resultado do uso da metodologia Manufatura Enxuta, baseada na redução dos desperdícios mais comuns no processo produtivo: transporte, estoque, movimentação, espera, excesso de processamento, superprodução, defeitos e desperdícios de ideias. O objetivo é que as empresas ganhem competitividade e trabalhem de forma mais eficiente.

Foto: vladm/ gettyimages.com



Foto: divulgação

COMEÇA MBA DO IEL NO RIO GRANDE DO NORTE

Começaram, no último dia 27 de agosto, as aulas do MBA em Gestão, Desenvolvimento e Sustentabilidade Ambiental promovido pelo IEL do Rio Grande do Norte. O objetivo da pós-graduação é capacitar profissionais para atuarem como gestores ambientais em empresas e outras instituições, visando à formação de líderes capazes de disseminar a cultura da sustentabilidade, gerenciar equipes e executar projetos. A pós-graduação conta com módulos de estruturação conceitual e prática (70% prática e 30% teoria), privilegiando estudos de caso, dinâmicas e análises de casos.

Foto: shutterstock.com



EMPRESÁRIOS DE RORAIMA MAIS CONFIANTE, DIZ PESQUISA

O empresário industrial de Roraima mostra-se confiante para os próximos meses e pretende fazer investimentos no período. Os dados são da mais recente *Sondagem da Indústria da Construção de Roraima*. De acordo com o boletim, o indicador de intenção de investimento para os próximos seis meses foi de 45 pontos – alta de 3,3 pontos na comparação com a pesquisa anterior. Embora haja uma perspectiva mais otimista em comparação com períodos anteriores, a visão geral ainda é de precaução. A pesquisa possui indicadores que variam de 0 a 100 pontos, sendo 50 pontos o divisor entre comportamento positivo da economia e a preocupação do setor produtivo.

FIBRA ORIENTA EMPRESAS SOBRE COMPLIANCE

Trinta e seis empresários participaram, no último dia 15 de agosto, de palestras promovidas na Federação das Indústrias do Distrito Federal (FIBRA) para entender a importância da implementação de um programa de compliance nas empresas. O encontro ocorreu porque, a partir de junho de 2019, somente as companhias com programas de *compliance* poderão firmar contratos com a administração pública do Distrito Federal. A obrigatoriedade foi estabelecida em lei para contratações com prazos iguais ou superiores a 180 dias e com valores acima de R\$ 176 mil. *Compliance* se refere à conformidade com a lei e à adoção de processos éticos, transparentes, de controle e de qualidade.

Foto: Phil Ashley/ gettyimages.com

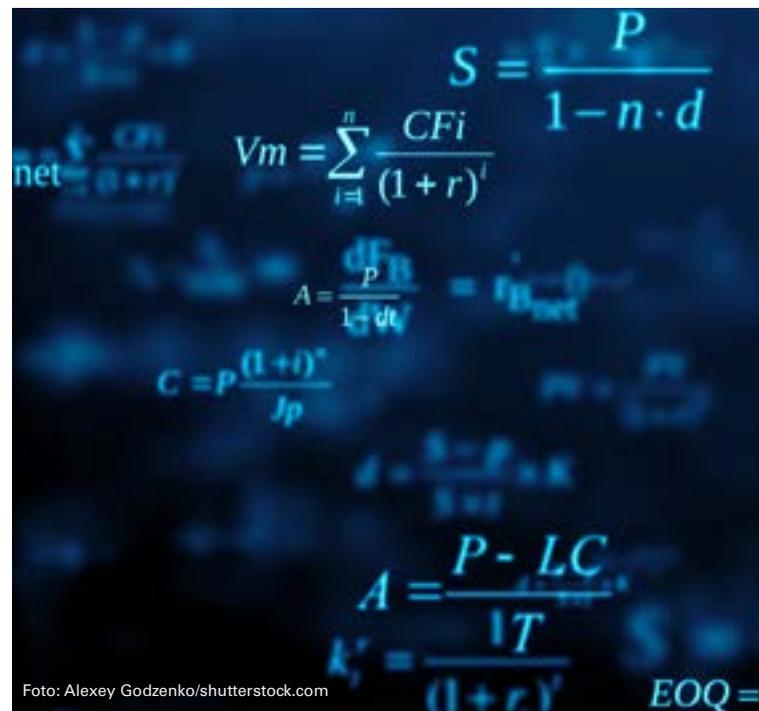


Foto: Alexey Godzenko/shutterstock.com

SESI DO AMAPÁ TERÁ DELEGAÇÃO EM OLIMPIÁDA DE MATEMÁTICA

Quatorze alunos do Serviço Social da Indústria (SESI) estão classificados para a segunda e última fase da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). Os estudantes são das turmas de Ensino Fundamental II e do Ensino Médio articulado à Educação Profissional. A etapa ocorreu no próximo 15 de setembro, na Escola Sesi Macapá. Os jovens serão submetidos à prova discursiva, composta de seis questões, diferenciada por níveis e de caráter classificatório. A premiação para os estudantes que se destacarem nessa fase serão medalhas de ouro, prata e bronze, certificado de menção honrosa, além da oportunidade de participar como ouvintes do Programa de Iniciação Científica Júnior. A lista dos premiados será divulgada em 21 de novembro.



PRODUÇÃO DE CARROS NO JAPÃO VOLTA A CRESCER

A fabricação de veículos automotores no Japão é a maior dos últimos três anos, conforme o mais recente relatório sobre o setor, divulgado, em julho, pela Associação de Fabricantes de Automóveis do Japão (JAMA). De acordo com o documento, em 2017, o país asiático produziu 9,7 milhões de unidades, um incremento de 5,3% em relação ao ano anterior. Com exceção dos ônibus, todas as categorias registraram aumento: os carros pequenos subiram 6,5%, os caminhões, 1,6% e os minicars, 17,5%. Boa parte da fabricação japonesa de veículos automotores é exportada e totalizou US\$ 144 bilhões.

Foto: Lerner Vadim/shutterstock.com

BDI DEFENDE LINHAS DE FINANCIAMENTO PARA A SUSTENTABILIDADE

A Federação das Indústrias Alemãs (BDI) posiciona-se a favor de mais investimentos financeiros em busca da sustentabilidade ambiental na Europa. Para a entidade, os bancos podem desempenhar papel fundamental na promoção do crescimento sustentável, da prosperidade e na criação de empregos. Segundo o Banco Europeu de Investimento, existe uma necessidade de aplicação de 270 bilhões de euros por ano em mobilidade, energia e gestão de recursos necessários para atingir os objetivos climáticos e energéticos estabelecidos pela União Europeia. A BDI defende que as cadeias industriais devem ser inseridas nos critérios de sustentabilidade para conseguir financiamentos e participar do processo. A entidade pede, ainda, a aplicação de regulamentos especiais às empresas de pequeno e médio porte para evitar que fiquem em desvantagem.



Foto: hans engbers /shutterstock.com

INDÚSTRIA DO CANADÁ PREOCUPADA COM PADRÃO DE USO DE ENERGIA LIMPA

Os Fabricantes e Exportadores Canadenses (CME) estão preocupados com as consequências econômicas dos novos padrões exigidos pelo governo para uso de combustíveis limpos e com as metas para diminuição da emissão de gases de efeito estufa. A organização pede uma revisão econômica completa do plano apresentado pelo governo no mês de julho. No entendimento do CME, os fabricantes canadenses são líderes na redução de emissões domésticas e estão estabelecendo padrões de referência para desempenho ambiental. A entidade defende que a melhor solução para reduzir as emissões continua sendo o investimento em novas tecnologias e não as medidas regulatórias obrigatórias e dispendiosas para a indústria.



Foto: only_kim/shutterstock.com



Foto: Olaf Speier/shutterstock.com

FABRICANTES DE CALÇADOS NA COLÔMBIA APOSTAM EM REAÇÃO NAS VENDAS

A indústria de calçados e artigos de couro da Colômbia espera uma reação do setor no segundo semestre de 2018. A expectativa é da Associação Colombiana dos Calçados, do Couro e suas Manufaturas (ACICAM). Na análise do presidente da instituição, Luis Gustavo Flórez, os resultados dos primeiros meses do ano foram ruins, mas a tendência é de mudança devido ao resgate na confiança da sociedade com o futuro da economia colombiana. A ACICAM aposta que as medidas adotadas pelo governo deixam o mercado colombiano mais competitivo em relação ao internacional. O país chegou a ter 20 milhões de pares de sapatos a preços abaixo de um dólar. Desde 2013, o governo colombiano tenta melhorar a competitividade do setor com empréstimos e planos de aumento de produtividade.

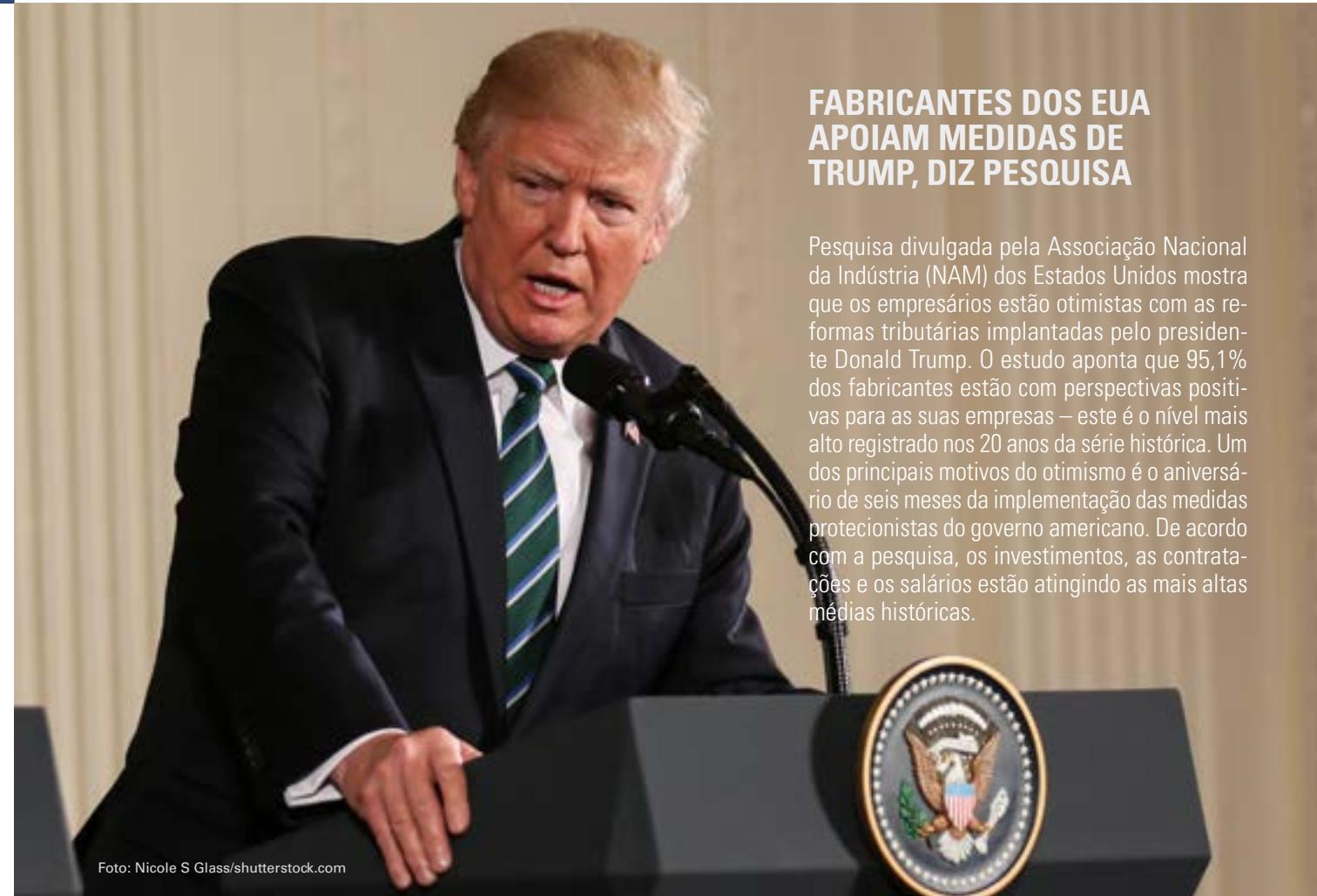


Foto: Nicole S Glass/shutterstock.com

FABRICANTES DOS EUA APOIAM MEDIDAS DE TRUMP, DIZ PESQUISA

Pesquisa divulgada pela Associação Nacional da Indústria (NAM) dos Estados Unidos mostra que os empresários estão otimistas com as reformas tributárias implantadas pelo presidente Donald Trump. O estudo aponta que 95,1% dos fabricantes estão com perspectivas positivas para as suas empresas – este é o nível mais alto registrado nos 20 anos da série histórica. Um dos principais motivos do otimismo é o aniversário de seis meses da implementação das medidas protecionistas do governo americano. De acordo com a pesquisa, os investimentos, as contratações e os salários estão atingindo as mais altas médias históricas.

MAIS SAÚDE POR MENOS GASTOS

GRUPO COORDENADO PELA CNI INOVA COM AÇÕES QUE BUSCAM MELHORAR A ATENÇÃO À SAÚDE DOS TRABALHADORES COM CUSTOS MENORES

Cruzando dados, algumas empresas têm conseguido reduzir em até 30% suas despesas com alguns serviços de saúde para funcionários

Foto: Steve Design/shutterstock.com

O setor industrial tem sido fortemente impactado pela alta nos custos com planos de saúde nos últimos anos. Segundo dados compilados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), entre 2016 e 2018, o crescimento real anual dos custos com assistência no Brasil será, em média, de 10,9%.

Para mudar essa realidade, a CNI e o Serviço Social da Indústria (SESI) criaram o Grupo de Trabalho sobre Saúde Suplementar. Composto por 51 indústrias, o grupo tem o objetivo de elaborar propostas ao governo para a melhoria do sistema de saúde suplementar.

Gerente-executivo de Relações com o Poder Executivo da CNI, Pablo Cesário relata que, dos 37 milhões de

trabalhadores que possuem plano de saúde, 11 milhões – quase um terço – são da indústria. “O esforço da CNI é dialogar com o governo, a sociedade e o setor de saúde para que o sistema funcione de maneira adequada e permita à indústria seguir disponibilizando planos de saúde com qualidade para seus funcionários”.

Um dos caminhos apontados pelo grupo é a melhora na assistência preventiva, uma vez que o atendimento emergencial é significativamente mais caro que o preventivo. Outra medida defendida pelo grupo é que a remuneração das operadoras não seja por serviço prestado e passe a ser baseada em performance, incentivando a prestação

de serviços focados em qualidade, contribuindo para a melhora do quadro clínico dos pacientes.

Para a indústria, a incorporação de novas tecnologias aos procedimentos mínimos obrigatórios que devem ser prestados aos beneficiários, o chamado ROL da Agência Nacional de Saúde (ANS), deve contemplar critérios de custo-efetividade para inclusão de novos tratamentos. O grupo de trabalho defende o aprimoramento da análise científica e econômica de tecnologias a serem incorporadas no ROL.

A indústria defende, ainda, que as operadoras sistematizem e coloquem à disposição – resguardado o sigilo dos usuários – dados clínicos e de

satisfação dos usuários, para subsidiar ações preventivas e de atenção à saúde nas empresas e incentivar um uso mais racional do sistema.

“O desafio é mudar o modo como vemos a saúde. Ao invés de pagar por procedimentos, temos que começar a remunerar a saúde. Ao invés do plano de saúde ser remunerado pelo número de procedimentos, tem que passar a ser remunerado pelo tratamento que faz como um todo ao paciente. Precisamos de um novo modelo que privilegie a qualidade e a performance dos serviços prestados pelos planos, diferentemente da forma usada hoje”, afirma Pablo Cesário.

Empresas que fazem parte do grupo de trabalho não têm se limitado a sugerir propostas. Muitas delas implementaram inovações para diminuir os custos com a saúde suplementar. A Fundação Zerenner, de assistência médica, hospitalar e educacional aos trabalhadores e dependentes da fabricante de bebidas Ambev, renegociou uma redução dos custos com a operadora de saúde contratada por ela a partir da construção de uma rede

referenciada de prestadores de serviços de saúde.

PONTA DO LÁPIS

Com base em dados, a instituição verificou que construir a rede de prestadores com os 15 hospitais mais usados pelos funcionários da empresa reduziu, em média, 27% do valor pago por paciente adulto em uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) e em quase 30% o valor com UTI pediátrica e neonatal. Além disso, passou a colocar na ponta do lápis os gastos com materiais hospitalares.

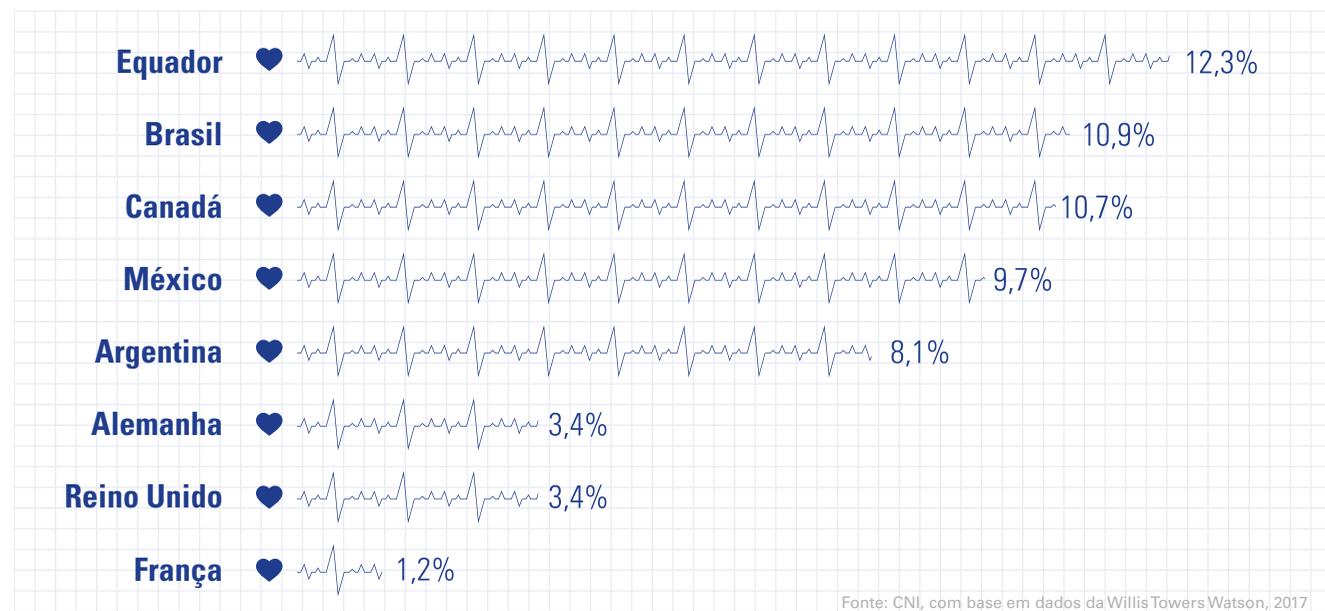
De acordo com o superintendente-geral da Fundação Zerenner, Eduardo Spinussi, a busca por mais eficiência e efetividade no atendimento à saúde tem contribuído até para uma maior satisfação dos mais de 75 mil beneficiários da Ambev espalhados por 2,5 mil municípios brasileiros. “Há casos em que financiamos cirurgias de trabalhadores e dependentes em hospitais de referência localizados em grandes centros, pagando todo o deslocamento e a hospedagem, e tudo isso mais em conta que se o

serviço fosse prestado em hospitais na cidade do trabalhador, com serviço inferior”, destacou Spinussi.

Denise Zanolini, diretora de Remuneração e Benefícios da GE para a América Latina, elenca uma série de ações executadas pela empresa, tais como análise do desempenho das apólices de planos de saúde por meio de um comitê deliberativo multiprofissional, gerenciamento do risco clínico para permitir a interação efetiva com as áreas técnicas e comerciais das operadoras e construção de parcerias com profissionais da rede. Em casos de adoecimento, o atendimento é feito pelo próprio time de saúde da GE, evitando desgaste do usuário com a operadora.

“Com todo esse processo, os resultados para a GE incluem garantia de acesso a serviços de saúde de qualidade e com efetividade nos resultados assistenciais e clínicos, com preços justos. É claro que, para que esse trabalho seja feito de forma efetiva, é necessário que as operadoras avancem em alguns aspectos como transparência de dados”, afirmou Zanolini.

TAXAS MÉDIAS ANUAIS DE CRESCIMENTO REAL DOS CUSTOS DE ASSISTÊNCIA MÉDICA (2016 a projeção para 2018)



Fonte: CNI, com base em dados da Willis Towers Watson, 2017

SESI
viva+
MAIS INTELIGÊNCIA.
MAIS SAÚDE.
MAIS RESULTADOS.

CONTE COM UMA PLATAFORMA COMPLETA EM GESTÃO DE SST.

Problemas relacionados a Segurança e Saúde no Trabalho trazem muitas despesas para a indústria. Pensando nisso, o SESI criou uma plataforma digital para a gestão de programas e serviços voltados para a saúde e segurança na indústria: o **SESI Viva+**. É a solução completa para sua empresa reduzir gastos com despesas legais e aumentar o rendimento da equipe. Tudo isso de maneira totalmente integrada com as novas regras do **eSocial**.

Conheça o **SESI Viva+**. A plataforma que sua empresa precisa para reduzir os custos e aumentar os resultados.

SAIBA MAIS EM:

sesivivamais.com.br

0800 0713010

atendimento@sesivivamais.com.br

/SESI Nacional

/company/sesi-nacional

/sesi





Confederação Nacional da Indústria

CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA